



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

IARA PALOMA DOS SANTOS LIMA

AS CARTAS PAULINAS E A HOMOAFETIVIDADE NO IMPÉRIO ROMANO DO
SÉCULO I.

PICOS-PIAUÍ
2025

IARA PALOMA DOS SANTOS LIMA.

AS CARTAS PAULINAS E A HOMOAFETIVIDADE NO IMPÉRIO ROMANO DO
SÉCULO I.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado no curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos- PI.

Orientador: Prof. Me. Julio Eduardo Soares de Sá Alvarenga

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

L732c

Lima, Iara Paloma dos Santos.

As cartas paulinas e a homoafetividade no Império Romano do século I / Iara Paloma dos Santos Lima – 2025.

70 f.

1 Arquivo em PDF.

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo, CSHNB.
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Curso de Licenciatura em História, Picos, 2025.

“Orientador: Prof. Me. Julio Eduardo Soares de Sá Alvarenga”.

1. Império Romano. 2. Homoafetividade. 3. Cartas paulinas. I. Lima, Iara Paloma dos Santos. II. Alvarenga, Julio Eduardo Soares de Sá. III. Título.

CDD 227.1

Elaborada por Maria Letícia Cristina Alcântara Gomes
Bibliotecária CRB nº 03/1835



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvidio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí
Fone: (89) 3422-4200 e-mail: coordhistoriacshnb@ufpi.edu.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e quatro dias de junho de 2025, às 14 horas, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, por meio da plataforma digital Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **IARA PALOMA DOS SANTOS LIMA**, sob o título: **As cartas paulinas e a homoafetividade no Império Romano do século I.**

A banca foi constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Me. Julio Eduardo Soares de Sá Alvarenga
Examinadora Interna: Profa. Dra. Olívia Candeia Lima Rocha
Examinadora Externa: Profa. Me. Nádia Narcisa de Brito Santos

Deliberou pela **aprovação** da candidata, tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de **10,0**.

Picos (PI), 24 de junho de 2025.

Documento assinado digitalmente
gov.br JULIO EDUARDO SOARES DE SA ALVARENGA
Data: 26/06/2025 10:28:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador:

Documento assinado digitalmente
gov.br OLIVIA CANDEIA LIMA ROCHA
Data: 30/06/2025 21:22:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinadora Interna:

Documento assinado digitalmente
gov.br NADIA NARCISA DE BRITO SANTOS
Data: 30/06/2025 17:45:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinadora Externa:

“Lembre-se: O ódio é sempre uma estupidez e o amor é sempre sábio.”
(Doctor Who, 1963 - presente.)

AGRADECIMENTOS

Expresso minha gratidão primeiramente à minha família, sobretudo à minha mãe, que, mesmo tendo uma criação religiosa cristã, nunca deixou de me apoiar incondicionalmente em relação à minha sexualidade e à escolha da temática do trabalho. Sem seu amparo e amor, esta jornada seria impossível. Da mesma forma, agradeço também ao meu primeiro orientador, Prof. Dr. José Petrócio de Farias Júnior, bem como ao seu substituto Prof. Me. Julio Eduardo Soares de Sá Alvarenga. A dedicação de ambos em corrigir e orientar a construção dessa monografia, foram essenciais para a estruturação deste presente trabalho. Seus incentivos me motivaram a superar as adversidades e a buscar sempre alcançar a excelência. Cada ensinamento deixará marcas que carregarei para sempre.

RESUMO

Considerando que as questões sobre sexualidade, ao longo da história da humanidade, apresentam-se de diversas maneiras, bem como atuam em diferentes graus de relevância social e cultural, a presente análise historiográfica empreende um estudo sobre um dos momentos essencialmente formadores da visão a respeito da homossexualidade e do gênero na sociedade ocidental: a construção do conjunto de escritos bíblicos das cartas paulinas. Essas epístolas, de autoria de Paulo (chamado de “Apóstolo” ou “Paulo de Tarso”), que mais tarde, no Concílio de Hipona (393 d.C.), seriam anexadas pela Igreja Católica ao Novo Testamento da Bíblia cristã — livro este que é regra de fé e fonte de esclarecimento para os cristãos — serão aqui utilizadas como fontes primárias, no que se refere ao que dizem a respeito das relações afetivas e sexuais homossexuais. Ademais, para situar este estudo temporalmente, o recorte a ser trabalhado acompanha a cronologia em que Paulo está inserido no contexto espacial do Império Romano, em meados do primeiro século I d.C. Como objetivo, o intuito deste estudo volta-se para a premissa de estabelecer um sólido material a respeito desses escritos bíblicos de forma academicamente histórica, a fim de possibilitar uma observação mais clara dessa conjuntura ao investigar a interferência da multiplicidade de discursos propagados no meio social em que Paulo estava inserido sobre seus escritos, além da influência que estes exerceram. Para isso, busca-se também compreender as relações e práticas homoafetivas e homossexuais a partir da cultura romana e das formações discursivas que impactaram os escritos de Paulo. Com estes objetivos em mente, faremos usos de diversos aportes teóricos e metodológicos, sendo alguns dos principais: Carla Bassanezi Pinsky (2009), Michael Pollak (1999; 1989), Paul Veyne (1985;2008;2009), Greenberg, (1988), que abordarão boa parte dos conceitos-chave deste trabalho. Por sua vez, este trabalho é fruto de uma pesquisa desenvolvida ao longo da graduação em História, pelo programa de Licenciatura em História (CSHNB/UFPI), em parceria com o grupo de pesquisa “Laboratório de História Antiga e Medieval” (LABHAM/UFPI).

Palavras-chave: Homoafetividade, Roma, Comunidades cristãs, Bíblia, discursos, gênero, sexualidade, Paulo.

ABSTRACT

Considering that questions of sexuality, throughout the history of humanity, have manifested in various ways and operated with different degrees of social and cultural relevance, the present historiographical analysis undertakes a study of one of the fundamentally formative moments in the construction of views regarding homosexuality and gender in Western society: the formation of the biblical corpus of the Pauline epistles. These letters, authored by Paul (referred to as the “Apostle” or “Paul of Tarsus”), which would later, at the Council of Hippo (393 AD), be incorporated by the Catholic Church into the New Testament of the Christian Bible — a book regarded as a rule of faith and a source of guidance for Christians — will be used here as primary sources concerning what they express about homosexual emotional and sexual relationships. Furthermore, to temporally situate this study, the timeframe to be examined follows the chronology in which Paul was situated within the spatial context of the Roman Empire, in the mid-first century AD. The objective of this study is to establish a solid academic and historical foundation regarding these biblical writings, allowing for a clearer observation of this context by investigating the influence of the multiplicity of discourses circulating within the social environment in which Paul was immersed, as well as the influence these writings themselves exerted. To this end, the study also seeks to understand same-sex and homoaffective relationships and practices from the perspective of Roman culture and the discursive formations that impacted Paul's writings. With these goals in mind, this research draws on various theoretical and methodological frameworks, among the most significant being Carla Bassanezi Pinsky (2009), Michael Pollak (1999; 1989), Paul Veyne (1985; 2008; 2009), and Greenberg (1988), whose works address many of the key concepts of this study. This work is the result of research developed throughout the undergraduate History program (Bachelor’s Degree in History (Teaching Credential Track) – CSHNB/UFPI), in partnership with the research group “Laboratory of Ancient and Medieval History” (LABHAM/UFPI).

Keywords: Homoaffectivity, Rome, Christian communities, Bible, discourses, gender, sexuality, Paul.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Império Romano em 117 d.C.....	09
Figura 2 - Relevô sepulcral em mármore de duas mulheres apertando as mãos direitas. (24 a.C - 14 d.C).....	18
Figura 3 - Contorno de dois corpos femininos realizando o ato sexual com uma espécie de penetração sem elemento fálico.(62-79 d.C).....	20
Figura 4 - Quadro comparativo contendo múltiplas traduções de “ <i>Arsenokoitai</i> ” em edições Bíblicas.....	45

SUMÁRIO

1 - CAPÍTULO: INTRODUÇÃO.....	01
2- CAPÍTULO: AS RELAÇÕES HOMOAFETIVAS NO IMPÉRIO ROMANO NO SÉC I.....	08
2.1 Aspecto cultural e religioso das relações afetivas e sexuais.....	08
2.2 Estrutura das relações homoeróticas masculinas.....	14
2.3 Homoafetividade Feminina: A questão do gênero.....	16
3-CAPÍTULO: PAULO HISTÓRICO: DIÁLOGOS INTERDISCURSIVOS.....	22
3.1 Duas versões de um homem: O Apóstolo da fé e o Personagem histórico.....	22
3.2 Referencial filosófico no pensamento paulino.....	26
3.3 Endereçamento às comunidades cristãs.....	32
4-CAPÍTULO: AS RELAÇÕES HOMOSSEXUAIS NAS CARTAS PAULINAS: ENTRELAÇANDO SABERES, ASSUMINDO POSICIONAMENTOS.....	37
4.1 Relações homossexuais no interior das cartas paulinas.....	37
4.2 Diversidade sexual e identidade religiosa cristã.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	5



1. INTRODUÇÃO

As cartas Paulinas são escritos de relevância histórica ímpar, uma vez que a tradição religiosa a qual pertencem influenciou majoritariamente o corpo social do ocidente e sua estruturação está baseada nos registros religiosos e históricos que formam a Bíblia Cristã, onde estas estão contidas como parte do cânone oficial. Sendo assim, a relação entre as cartas Paulinas e a Homossexualidade¹, aqui tratadas enquanto **práticas sexuais** e afetivas entre indivíduos do mesmo gênero, e não como identidade, pode ser apontada como uma das razões para o tratamento hostil em relação à diversidade de orientação sexual no presente, pois o já referido modelo "ético" judaico-cristão é pilar indissociável do padrão do modelo social ocidental. Partindo deste ponto, procuramos saber em que medida Paulo dialogou com o ambiente político-cultural do Império Romano acerca das relações homoafetivas que resultaram na adoção de um posicionamento no interior das cartas Paulinas.

Dessa forma, para demonstrar a relevância de pesquisar a respeito da história da sexualidade neotestamentária, atemo-nos ao fato de que é trabalho do historiador aprofundar-se no interesse de compreender a construção de acontecimentos históricos, principalmente tendo em vista sua relevância para a formação de uma sociedade. Mostra-se necessário investigar a interferência da multiplicidade de discursos propagados no meio social em que Paulo estava inserido sobre seus escritos, além da influência que estes obtiveram nas futuras gerações, a fim de que essa reflexão sobre as relações de gênero, a partir das narrativas bíblicas, permita contestar e apresentar novas perspectivas, além de dissecar e desconstruir discursos de ódio. Ademais, reconhecendo a realidade de que existem poucos estudos no Brasil sobre a homossexualidade a partir das Cartas Paulinas, e considerando que o discurso religioso está intensamente presente na sociedade brasileira — de forma que a presente autora teve seu desenvolvimento em um ambiente cristão, apesar da orientação sexual divergente da heterossexualidade — apresenta-se, assim, uma oportunidade produtiva de contribuir para a clarificação dessa temática no meio acadêmico, histórico e social.

¹ “Os dois termos (Heterossexualidade e Homossexualidade) foram cunhados, ao que parece, pela mesma pessoa, Karl Kertbeny, um escritor austro-húngaro, e foram usados pela primeira vez publicamente, por ele, em 1869. [...]Eles eram parte de uma campanha embrionária, subseqüentemente assumida pela disciplina da sexologia, então em desenvolvimento, de definir a homossexualidade como uma forma distintiva de sexualidade.”

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 44.

Assim, com este objetivo em mente, nos debruçamos sobre o recorte espacial e social do Império Romano, na perspectiva religiosa, e como esta contribuía para a sociedade. Primeiramente, é de caráter essencial compreender que, para a sociedade romana, os deuses e outras figuras sobre-humanas presentes nos mitos — entendidos como um conjunto de narrativas que buscavam representar essas entidades em histórias alegóricas, cujos principais autores utilizados como base serão Homero e Ovídio — e nos cultos — práticas de adoração, oferenda e devoção — não se apresentavam com a mesma característica de onipotência e perfeição que encontramos na figura de “Javé” ou na Trindade cristã. Ao contrário, essas divindades (ou similares) eram, muitas vezes, retratadas em situações tipicamente humanas, cercadas por incoerências e transgressões que, certamente, espelhavam a vida de seus adoradores.

No entanto, para além dessa humanização do divino, a religião era, como na maioria das sociedades ocidentais, fator inseparável da vida social. Neste aspecto, encontramos a religião sendo integrada à política, e vista como necessária no que concerne ao alcance de favores pontuais dos deuses e na manutenção da *pax deorum*, ou seja, na boa relação entre a comunidade terrena e o divino. Para mais, a religião também era utilizada como instrumento de poder, sendo apontada como um dos principais fatores de integração e hegemonia do Império Romano, uma vez que este era, em sua maioria, composto de diversos territórios com culturas diferentes. A permissão do culto fora do panteão grego-latino tornava a convivência e conservação da *pax romana* uma tarefa menos abrasiva.

Em relação à religião cristã, segundo nos aportes teóricos, esta iniciou-se a partir da Palestina, chegando às comunidades judaicas da diáspora e aos não judeus. Essa ação missionária que expandiu os preceitos cristãos para os “gentios” (não judeus) tem como figura central a personalidade de principal destaque nesse estudo, Paulo. Já no tocante ao reconhecimento desta, o governo de Roma identificava a insurgente religião inicialmente como uma seita judaica à qual não foi dedicada nenhuma hostilidade ou repreensão, no que condiz à pregação e prática. Neste ambiente relativamente pacífico, as primeiras comunidades cristãs se formam, principalmente compostas por judeus, estrangeiros falantes da língua grega, principalmente escravos e libertos.

Outro ponto a se considerar sobre a emergência das comunidades cristãs são suas práticas, conduta e hábitos religiosos. A respeito disso, sabemos que os primeiros cristãos se reuniam em casas e outros espaços para partilha de refeições, adoração e recebimento da

eucaristia. Quanto a quantas vezes e quando se reuniam, encontramos em Coríntios exemplos de reuniões que aconteciam ao menos uma vez por semana, no primeiro dia desta, onde os atos religiosos mencionados eram ministrados por figuras apostólicas em comunhão com os novos fiéis. Ou seja, o cristianismo é, a princípio, uma religião de origem no Oriente Médio, que possuía comunidades ou eclesiais formadas por camadas pobres e marginalizadas, e de prática de culto em espaços diversos e sem uma identidade visual tão característica quanto na atualidade.

Quanto à origem de Paulo, chamado Apóstolo segundo a tradição cristã, pouco se encontra fundamentado nos textos bíblicos onde sua figura é mencionada. Todavia, seguindo um ponto de vista tradicional, podemos traçar a origem de Paulo como Tarso, na Cilícia, por volta de 5 e 10 da Era Comum, onde teria, por consequência, recebido uma formação helênica; esta formação contribuiu para sua base filosófica e linguística, bem como para a interação com as comunidades cristãs. Paulo é definido como um homem de três mundos, três culturas, três cabeças (judeu, grego e romano) e é com o intuito de conhecer ainda mais sobre um desses mundos que Paulo se dirige a Jerusalém para aprender as tradições de seus antepassados judeus. Neste contexto espacial, é pela primeira vez mencionado na Bíblia, na morte do mártir Estevão. Sua história continua, segundo a tradição cristã, até sua conversão e obra de vida, as cartas que servirão como principal base para esta pesquisa.

No tocante à sua produção escrita presente no cânone bíblico, Paulo é autor da maioria dos textos neo-testamentários, cujas cartas datam como as mais antigas desse Novo Testamento. Seus escritos e suas viagens missionárias são de tal importância para a criação da identidade das comunidades cristãs que ele é considerado, por essência, uma das figuras mais importantes para o cristianismo após o próprio Jesus. Paulo se consolida sobretudo como o Apóstolo dos gentios, pelo seu trabalho em doutrinar, ensinar e expandir a filosofia cristã para povos diversos.

No que concerne à sua composição, as epístolas às quais serão aqui utilizadas como fontes históricas, escolhemos 3 principais: Timóteo (63-67 d.C.), Romanos (56-57 d.C.) e Coríntios (54-56 d.C.). Desta forma, além do próprio autor do fragmento que aqui é usado como fonte de análise, é de suma importância conhecer o veículo no qual este foi publicado, no caso de Paulo, as cartas. Este gênero textual é geralmente caracterizado pelo objetivo de construir um diálogo entre duas partes; neste cenário, temos Paulo como remetente e as comunidades cristãs como destinatário.

Dessarte, para fazer um estudo objetivo e histórico dessas fontes, utilizaremos, entre outras metodologias: a pragmática análise do discurso — esta que, segundo Cynthia Horn, serve para compreender os significados inerentes à interação discursiva entre um emissor e um receptor, em meio a determinado contexto, e também para a compreensão do discurso como ato que tinha uma função no seu momento de elaboração —, bem como a metodologia da análise comparativa, que se propõe a confrontar dois ou mais contextos, documentos, períodos ou discursos para evidenciar semelhanças e diferenças entre eles.

Outras ferramentas necessárias para a fundamentação deste trabalho encontram-se no livro “O Historiador e suas fontes” de Carla Bassanezi Pinsky, de onde retiraremos passos essenciais para a compreensão dos diversos tipos de fontes usadas neste empreendimento, entre eles o ato principal supracitado de questionar a figura de Paulo como autor das cartas, uma vez que “Documento algum é neutro, e sempre carrega consigo a opinião da pessoa e/ou órgão que o escreveu” (PINSKY, 2009, p. 63). Ou seja, buscar investigar as influências que seu meio de convivência teve sobre seus pensamentos e escritos. Outrem, os autores Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas, que também serão usados como aporte teórico-metodológico, também corroboram com essa linha de pensamento ao apontar que “um documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente.” (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 536).

A fim de abordar com propriedade a fonte histórica do tipo epistolar, buscamos obter como base as considerações de Vanessa Gandra Dutra Martins em “Reflexão sobre a escrita epistolar como fonte histórica a partir da contribuição da teoria da literatura”, que reflete sobre esse gênero textual à medida que o interpreta como não simplesmente meio de comunicação, mas como um registro que contém as subjetividades, sentimentos e visões de mundo de seus autores. Ainda, a referida autora contribui para essa discussão historiográfica ao apontar para as cartas como um método de extrair informações não apenas sobre os fatos históricos em si, mas também sobre o contexto pessoal e social do remetente.

Além disso, os conceitos de enquadramento de memória, esquecimento e silenciamento, baseados nas obras de Michael Pollak, também serão de grande importância para a análise das cartas e suas repercussões na atualidade, uma vez que o cristianismo foi por muito tempo o único guardião da memória destes escritos e a recortou e enquadrando numerosas vezes desde sua produção até o estágio final que é conhecido hoje, principalmente através de concílios como o (já referido) Concílio de Hipona, realizado pela Igreja Católica, e outras

iniciativas como a retirada de livros feita por protestantes na Reforma iniciada por Martinho Lutero em 1519.

Ademais, para a construção de uma análise bem fundamentada acerca do tema, para além das fontes primárias das cartas bíblicas supracitadas e das obras que compõem as categorias de análise, contaremos com as abordagens historiográficas de diversos outros autores, entre eles alguns com papel de destaque, como: Veyne (2004), Pinto (2012), Funari (2009), Cavicchioli (2023), Lacerda (2022), Justi (2015), Mazzarolo (2019); que atuarão como material-base para o desenvolvimento da discussão principal.

Ao buscar também amparo nas produções de Paul Veyne e Pedro Paulo Funari sobre o Império Romano, é possível estabelecer de forma adequada o cenário em que Paulo, autor da maior parte do Novo Testamento cristão, nasceu, cresceu, se desenvolveu e escreveu suas produções endereçadas às comunidades cristãs emergentes no primeiro século, bem como entender de onde vieram suas influências para produzi-las, colocando à parte a “inspiração divina” alegada pelos seguidores do cristianismo. Afinal, embasando-se no conceito filosófico de Jean-Jacques Rousseau, de que o homem é um produto do meio — principalmente de sua educação e da sociedade onde vive —, torna-se indispensável conhecer mais profundamente o ambiente de vida de Paulo para efetuar uma análise crítica.

Já no que abrange a utilização do autor Renato Pinto neste estudo, principalmente de sua obra “Representações homoeróticas masculinas na cultura material romana e as exposições dos museus: o caso da Warren Cup” (Pinto, 2012), há uma contribuição muito vantajosa ao podermos, através de sua composição, nos colocar em contato com produções artísticas sobre o homoerotismo que são, em boa quantidade, contemporâneas às vivências de Paulo e situadas no Império Romano.

Prosseguindo, Marina Régis Cavicchioli colabora com esta pesquisa no que se refere ao conhecimento da sexualidade romana (aqui significando os atos sexuais e relações afetivas) como um todo, desde as práticas mais comuns e socialmente bem vistas até os conceitos de desregramento e “infâmia”, como menciona o título “Fama e infâmia na sexualidade romana” (Cavicchioli, 2023). Assim, produzindo um efeito comparativo com a visão bíblica e a visão do tempo presente, e fornecendo um referencial adequado.

De forma similar, Victoria Lacerda adiciona como auxílio ao projeto um tópico de discussão de maior interesse para a fundamentação deste: o tema da homoafetividade

feminina. Pois, além das questões de homofobia que serão discutidas ao longo do empreendimento da homossexualidade bíblica na Antiguidade, também estarão em voga as fundamentações sexistas da sociedade romana e como este comportamento, precursor do que hoje conhecemos como machismo, influenciou a visão do homoerotismo a um nível diferente de discriminação.

Por fim, nomes como Isidoro Mazzarolo e Daniel Brasil Justi nos ajudarão a entender as formações discursivas em circulação e as circunstâncias históricas de Paulo, autoproclamado apóstolo, ao se debruçar sobre os conceitos que formaram a imagem do homem que foi um dos principais vanguardistas do pensamento cristão na Antiguidade, e que atua como espelho de comportamento e fonte de doutrina para os milhões de seguidores da religião. E, claro, foi autor das três epístolas (*Coríntios*, *Timóteo* e *Romanos*) aqui tratadas como fontes primordiais para a caracterização da visão da homossexualidade no contexto do surgimento do cristianismo e do Império Romano um século depois de Cristo.

Conjuntamente, para responder às indagações, hipóteses e propostas expostas acerca da homossexualidade bíblica na Antiguidade Clássica, o processo analítico principal será feito sobre o conteúdo das fontes medulares, sendo estas as cartas escritas por Paulo no contexto do século I d.C., aqui encontradas na tradução composta por Frederico Lourenço, “Bíblia. Novo Testamento. Apóstolos, epístolas, apocalipse” (LOURENÇO, 2010), que, ao traduzir os manuscritos bíblicos neotestamentários diretamente de seus equivalentes em grego (e demais passagens em dialetos aramaicos e hebraicos), figura como uma das opções mais completas e academicamente acuradas.

Com propósito de clarificar as noções de homossexualidade em Paulo, um de nossos objetivos centrais, utilizaremos autores como Brooten (1996), Greenberg (1988), Boswell (1990), Martin (2006) e Pertsen (1986), que, em suas obras, versam diretamente sobre o tema da diversidade sexual na Antiguidade, bem como sobre os possíveis significados do posicionamento paulino a respeito dessa pluralidade, ao abordar análises linguísticas, culturais e discursivas. Para mais, de forma diretamente relacionada, serão utilizadas as categorias de análise do discurso das fontes já mencionadas, como Cynthia Horn, Carla Bassanezi Pinsky e Michael Pollak, e suas respectivas obras.

Além de que, para uma compreensão abrangente do tema escolhido, diversos tipos de fontes secundárias serão exploradas, como livros, poemas, epigramas, grafites, mapas e

narrações, que também farão parte do arcabouço de saberes levados em conta a respeito do contexto social romano, das relações homoafetivas e das metodologias que irão compor esta produção.

Quanto à divisão ordenada dos capítulos, bem como seu conteúdo, de forma alinhada ao padrão recomendado para trabalhos de conclusão de curso, esta análise, posteriormente a esta introdução, será dividida em três momentos. O Capítulo 2, intitulado “As relações homoafetivas no Império Romano no séc. I d.C.”, tratará da estrutura e da percepção social dessas práticas. O Capítulo 3, “Paulo Histórico: diálogos interdiscursivos”, visa demonstrar em que medida as epístolas paulinas dialogam com pensamentos e correntes filosóficas contemporâneas ao seu autor. Já o Capítulo 4, “As relações homossexuais nas cartas paulinas: entrelaçando saberes, assumindo posicionamentos”, discorrerá sobre a análise dos fragmentos dos escritos de Paulo que versam sobre a homossexualidade e suas possíveis interpretações e sentidos. Que, nessa ordem, tratarão de desvendar: o aspecto cultural e religioso das relações afetivas/sexuais, a estrutura das relações homoeróticas, a homoafetividade e a questão do gênero, a inspiração filosófica helênica em Paulo, o endereçamento destes escritos às comunidades cristãs, bem como os trechos que exploram explicita e implicitamente a homossexualidade feminina e masculina nas cartas Paulinas e sua influência na formação da identidade religiosa cristã.

Por fim, o objetivo final deste trabalho será cumprido ao possibilitar a compreensão de como as já referidas Cartas Paulinas, especialmente as de Timóteo, Romanos e Coríntios, sofreram influências de seu contexto social, cultural e temporal para sua produção, bem como os impactos que estas obtiveram na estruturação do pensamento a respeito da homoafetividade que foi difundido por ele entre as comunidades cristãs do século I, culminando na construção da visão do cristianismo a respeito da diversidade sexual.

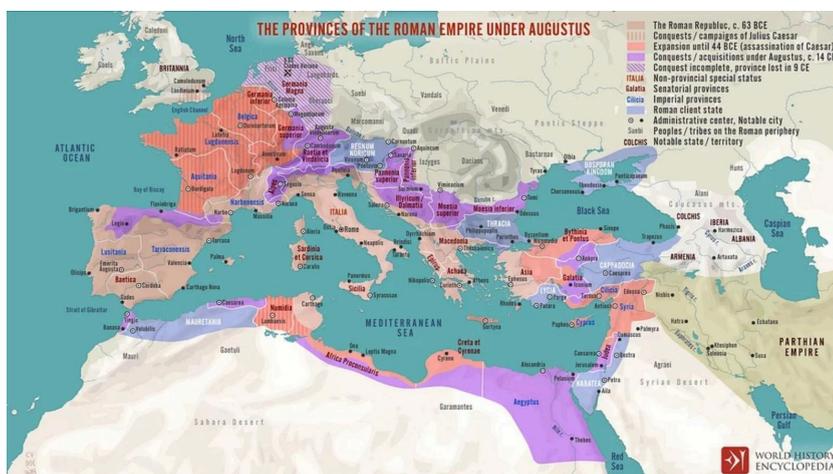
2 - AS RELAÇÕES HOMOAFETIVAS NO IMPÉRIO ROMANO NO SÉC I DC.

2.1 Aspecto cultural e religioso das relações afetivas e sexuais.

Se, na contemporaneidade, no que se refere à “homossexualidade”, diversos entendimentos, tanto científicos quanto identitários, encontram-se constantemente sendo alvo de discussões e remodelagens para abranger a infinidade de aspectos que esta carrega, não era assim no contexto em que Paulo escreve suas epístolas e as direciona a comunidades cristãs. Dito isso, a fim de compreender de forma sucinta e historicamente precisa os escritos de Paulo em suas cartas, faz-se necessário abordar, antes de mais nada, o que representavam as práticas sexuais homoeróticas e afetivas no contexto em que estes foram construídos. Desta forma, o primeiro passo em busca de lançar luzes sobre este tema é uma sólida investigação a respeito da sociedade romana no primeiro século, no que se diz respeito a essas relações, tanto compostas por pares masculinos quanto femininos.

Em primeiro ponto, para que haja um entendimento correto da estrutura do recorte temporal a ser trabalhado, é essencial assimilar o Império Romano para além da compreensão comum de uma potência imperialista de influência avassaladora durante sua duração (27 a.C. – 476 d.C.), como um espaço cultural e geográfico de proporção colossal, estendendo-se desde sua origem na Europa — mais precisamente em Roma, atual Itália — até porções do norte da África e do Oriente Médio. Ou seja, definir um costume sequer como plena e uniformemente percebido por cada comunidade presente nesse entremeio tornar-se-ia uma tarefa hercúlea. Por conseguinte, consideramos as diferentes perspectivas, procurando pontos de contato entre, por exemplo, a vida na capital romana e em províncias como Pompeia. Abaixo, um mapa contendo uma representação do Império Romano em seu ápice, que denota a pluralidade de contextos sociais dentro do recorte que utilizaremos:

Figura 1 - Mapa do Império Romano em 117 d.C



Fonte: World History Encyclopedia, 2018

Partindo em direção a este objetivo, é válido questionar: para os povos romanos, o que seria a sexualidade? E, além disso, qual função esse aspecto inerente a cada ser humano teria nesse contexto?

Para afastar possíveis respostas influenciadas por ideais contemporâneos, um ponto se apresenta imediatamente ao voltarmos nossa atenção ao tema: a inexistência de um conceito consolidado de "sexualidade" para qualquer componente da sociedade romana, independentemente de sua posição ou classe social.

Na Roma Antiga, como em muitas outras civilizações conhecidas, a imagem do homem adjunto da mulher também era considerada como o normativo para contrair matrimônio, porém, esta união — como apresenta Marco Antônio Abrantes — por muitas vezes era tratada como uma aliança de caráter político (e monetário, através do "dote") com propósitos de manutenção social, para geração de filhos e formação das *gens*, como eram chamados os núcleos familiares. Desta forma, no casamento romano, “O amor conjugal era sorte, não base do casamento, nem condição do casal.” (VEYNE, 2004, p. 52). Considerando estes fatos, a instituição do casamento não estaria, necessariamente, relacionada a uma heteroafetividade, e sim a uma necessidade política e social. Como fator de apoio a esta interpretação, as diversas atividades sexuais, principalmente (mas não somente) masculinas, anteriores e contemporâneas ao matrimônio, foram registradas nos anais históricos. Para

exemplo disto, encontramos esta paráfrase de Ovídio, um dos principais poetas da Idade de Ouro da literatura romana, que aborda um homem hipotético inclinado à feminilidade e homossexualidade: "O que a mulher pode fazer quando o seu marido tem a pele mais sedosa que a sua e pode conseguir mais homens?" Ovídio (43 a.C – 18 d.C.)

Outros fragmentos até mesmo contavam com descrições de momentos politicamente importantes onde estas relações tornam-se absolutamente públicas, como este excerto atribuído a Suetônio (Caio Suetônio Tranquillus), um historiador romano contemporâneo à época do Império, em sua obra "A Vida dos Doze Césares".

Quanto aos seus desejos sexuais, ele estava mais inclinado para os homens (...) Dizem que quando Icelus, um de seus parceiros de longa data, anunciou a morte de Nero, ele não só o recebeu em público com beijos intensos, como também pediu-lhe para ter-lhe depilado imediatamente e em seguida o levou a um lugar privado. (Suetônio 70-130 d.C.)

**Neste trecho, os personagens principais são: Galba, um general romano que posteriormente se elevaria a posição de imperador e um de seus companheiros apenas identificado pelo nome de Icelus.*

Ou seja, embora o modelo para as *paterfamili* permanecesse sendo o de uma mulher “honrada”, emplacada a um homem provedor, por questões para além de sociais, que serviam ao projeto de expansão e domínio romano, os indivíduos não estavam socialmente limitados dentro destes moldes e não seriam, categoricamente condenados desde que a "virtude" relacionada a parte masculina fosse preservada. Assim, é possível identificar que não havia claras distinções entre os romanos a respeito da existência das relações entre semelhantes, todavia o mesmo não pode ser dito no tocante a estrutura destas amálgamas, fato que será abordado adiante.

Dando continuidade e deixando claro que, o conceito de homossexualidade, bissexualidade e demais orientações, nada comunicavam a um romano seja este provinciano ou de residência nas grandes *polis*. Encontramo-nos diante de outro fator para compreender as relações afetivas interpessoais: A função social [funcionalidade] destas ligações no meio social romano. A vista disso aplicamo-nos a conhecer mais precisamente, a performance social do indivíduo e sua correlação a homoafetividade. Isto é, as razões espreitavam as colcheias destas conexões, e mais, que aproveitamento o corpo societário retirava delas?

Para responder estas indagações primeiro devemos nos atentar a chave hermenêutica apresentada pela estrutura do casamento, onde vemos que para um romano do I século da era comum, as conexões afetivas (aqui tratadas também no âmbito sexual) estavam permeadas por muito mais aspectos que o simples "amor Eros". Posto isso, ao analisar o que nos conta a

história, temos fortes indícios de que estes vínculos estavam ligados além de ao puro desejo e afeto, uma robusta gama de materiais aponta para as relações de poder como patronas destas iniciativas. Ou seja, da mesma forma que o casamento entre homem e mulher deveria cumprir a seu encargo, também haviam muitas intencionalidades, expectativas e significados nas relações entre pessoas do mesmo gênero. Para composição deste ponto de vista podemos tomar como base: a relação escravo-senhor, homens mais velhos ensinando meninos como forma de iniciação social e a representação do poder nas posições como o coito era realizado.

No que diz respeito às modalidades acima relacionadas, uma das primeiras a ser registrada cronologicamente em território romano foi, de fato, a dinâmica entre mestre (cidadão) e servo (cativo). Como nos mostra "Sexo e poder na Roma Antiga: o homoerotismo nas obras de Marcial e Juvenal"(2014), de autoria do Dr. Paulo César Possamai, pregressamente a influência grega e helenística como um todo, o modelo do homoerotismo romano encontrava-se socialmente delimitado a um arcabouço vertical de dominação denotando a forte conexão da homófila romana com a noção do poderio onde, inicialmente, não seria bem visto que dois indivíduos da mesma classe estivessem envolvidos desta forma.

Ademais, avançando mais em direção ao miolo da questão, encontramos mais um degrau para compor as facetas da homoafetividade na Roma dc.I pois quando o Dr. Possamai apresenta relatos sobre oficiais do exército e tentativas frustradas de assédio sexual para com soldados, logo em seguida é apontado o seguinte: "No exército, generalizou-se o costume entre os membros dos estados-maiores, durante as guerras civis do final da república, de levarem consigo jovens escravos para seu prazer." (POSSAMAI, 2014, p. 84). Delegando assim, uma função para estas relações, onde o sentimento de tolerância passa a ser mais que isso, torna-se um incentivo buscando a prevenção de comportamentos considerados abusivos de se dirigir a um homem livre. Ou seja, interpretando a figura masculina como atormentada por seus impulsos sexuais, a sociedade molda-se para acomodar o prazer sexual na carnalidade de um homem para com o outro como, com o perdão do pedantismo, algo necessário para a estabilidade social.

Trilhando o caminho do desenrolar histórico linear, com o advento da conquista e incorporação da Grécia ao Império Romano, mais do que apenas território foi acrescentando neste processo. Assim, considerando a expansão do domínio ítalo, diversos costumes e tradições provenientes dos helenos evidentemente acharam seu caminho para se infiltrar na nova sociedade a que foram expostos, desse modo, as relações homoafetivas não escaparam dessa integração. A fim de entender as influências que se abateu sobre a conduta dos romanos a respeito da homoafetividade, é imprescindível compreender primeiramente o conceito da

"Pederastia", termo composto pelos vocábulos *παῖς*, "criança" ou "menino, e *ἐράω*, "amar" é normalmente utilizado para designar as relações homossexuais na Grécia Clássica tendo como significado a prática sexual entre um homem próximo idade para o casamento e um rapaz mais jovem onde uma relação pedagógica de inicialização social e satisfação dos desejos, porém ao adentrar na realidade romana algumas sutis modificações foram implementadas, enquanto a forma original da relação pederasta tinha como componentes dois homens livres, o Império Romano ainda conservava, em muitos casos, a presença da contraparte escrava ou ex-escrava como "inferior" neste tipo de laço.

Contudo, outro fator de destaque desabrochou neste meio, o afeiçoamento sentimental. Este novo componente é o que leva o autor Dr. Paulo César Possamai, em "Sexo e poder na Roma Antiga: o homoerotismo nas obras de Marcial e Juvenal" a afirmar que os primeiros poemas de amor em Roma foram dedicados à pederastia, e fora necessário esperar que Virgílio descrevesse a paixão de Dido por Enéias para se ver cantada pela primeira vez uma relação amorosa entre os dois sexos (POSSAMAI, 2014, p. 84). Em outras palavras, além de mais uma resposta a respeito da utilidade das relações homoeróticas para a sociedade romana, podemos observar o surgimento do amor romântico sendo relacionado a estas práticas.

Por conseguinte, a expressão deste **amor** se torna cultura escrita mesmo antes de nosso recorte temporal, o século primeiro da Era Comum. Os primeiros dois seguintes trechos que segundo “Desvendando a Homossexualidade na Grécia e Roma Antiga Através da Pintura e Literatura” (FERNANDES, 2014), são de autoria de Caio Valério Catulo, datados do fim da república romana, e descrevem essas paixões intensamente. Do mesmo modo, o terceiro epigrama, de autoria de um poeta hispânico-romano chamado Marcus Valerius Martialis, com o costume de escrever pequenas sátiras, ironias, e obscenidades, abre uma exceção ao se lamentar pelo distanciamento de um amante.

1. Juventude, pote de mel, eu arrancado de você enquanto você estava brincando
 Um pequeno beijo, mais doce que ambrósia.
 Mas de maneira nenhuma eu consigo isso de graça: uma hora ou mais,
 Enquanto eu recordo, você me prega na cruz, enquanto eu peço miseráveis
 desculpas, ainda em todo meu pranto não diminuí sua crueldade ao mínimo.
 Oh, no instante que eu fizesse isso você teria tocado seus lábios na água,
 Erguido uma mão suave e curvando-os limpos
 Então nenhum vestígio de minha boca sobraria,
 como se fosse eliminada a saliva de uma vadia imunda.
 Desde então, você nunca parou de fazer da minha vida amorosa
 um inferno, atormentando-me a cada dia,
 De modo que meu pobre beijo transformou-se de doce em amargo,
 Não mais ambrósia, e sim heléboro.
 Bem, uma vez que esta é a pena para seu miserável amante,
 Doravante eu nunca apanharei outro beijo. (Catulo 87-54 a.C.).

“Desvendando a Homossexualidade na Grécia e Roma Antiga Através da Pintura e Literatura” (FERNANDES, 2014)

2. Beijar os teus olhos — Juvêncio — de mel, beijaria mil vezes, cem mil, sem ficar satisfeito, nem mesmo se a messe de beijos mais espessa fosse, mais densa que um feixe de espigas bem cheias." (Catulo 87-54 a.C.).

“Desvendando a Homossexualidade na Grécia e Roma Antiga Através da Pintura e Literatura” (FERNANDES, 2014)

3. Por que aquilo que ontem concedeste negas hoje, Hilo meu garotinho, repentinamente tão duro, tu que antes era tão meigo? Agora levas em consideração a tua barba, a tua idade e os pelos que cobrem teu corpo. Que longa foste ó noite! O suficiente para produzir um velho! Por que essa brincadeira? Hilo, tu que ontem eras um menino, diga-nos por que razão hoje és um homem. (MARCIAL, Epigramas, IV, 7).

Sexo e poder na Roma Antiga: o homoerotismo nas obras de Marcial e Juvenal. (POSSAMAI, 2014)

Então, ao adicionar o fator sentimental, a necessidade sentida de aplacar os impulsos sexuais masculinos e a iniciação social dos jovens ao conjuntos de encargos que a homoafetividade e a homossexualidade deveriam exercer neste contexto, nos aproximamos de uma compreensão mais ampla desse fenômeno.

Avançando na tarefa de continuar a montar este quebra-cabeças de interpretações e reconstrução do passado, ainda há alguns coeficientes a serem trabalhados, entre estes, o aspecto religioso. Para gregos e romanos, os deuses e outras figuras semi divinas apresentavam um aspecto muito mais sexuado e sentimentalmente próximos dos humanos do que na tradição judaico cristã, desta forma, não é surpreendente encontrar em suas narrativas religiosas práticas que espelham nessas figuras míticas costumes e hábitos próprios. A partir disto podemos encontrar demonstrações deste uso em mitos que mencionam as relações sexuais homoeróticas como nos casos de: Ganimedes e Júpiter, Febo e Jacinto, Aquiles e Patroculos, Hércules e Hilas.

Surpreendes-me ao leito com um rapazinho e, com tom severo, mulher, me dizes que também tens um cu. Quantas vezes Juno disse a mesma coisa ao lascivo Júpiter! Mas ele dorme com Ganimedes, que não é mais um rapaz. Hércules deixava seu arco para acariciar Hilas: crês que sua mulher, Mégara, não tivesse bunda? Febo se atormentava por Dafne que lhe fugia, mas Jacinto, o jovem espartano, apagou-lhe o fogo do amor. Mesmo que Briseida se deitasse deliberadamente de bruços, Aquiles preferia o amigo do rosto sem pelos. Deixa de dar às tuas coisas nomes masculinos, pois tu tens duas bocetas! (MARCIAL, Epigramas, XI, 43)

Sexo e poder na Roma Antiga: o homoerotismo nas obras de Marcial e Juvenal. (POSSAMAI, 2014)

Ainda pode-se atestar a presença dessa configuração da relação sexual entre o mesmo gênero nos cultos e festas em homenagens a certos deuses do panteão greco-romano, como por exemplo as Bacchanalias (culto a Baco, deus do vinho) onde, segundo "Os Deuses e o Sexo: A influencia da fé romana entre quatro paredes" de Mateus Franzen Rocio "Originalmente apenas mulheres participavam das orgias, porém homens logo passaram a ser admitidos." (ROCIO, 2015, p. 8), ainda sobre essas celebrações, em "Bacchanalia na República Romana" da Me. Maria Luzia Corassin, podemos ver na iniciação ao culto da contraparte romana de Dionísio outro exemplo destas práticas: "Não havia excesso ou infâmia que não se realizasse, com os homens entregando-se mais aos desmandos entre si que na companhia das mulheres" (CORASSIN, 2002, p. 150)

Isto posto, ao passo que investigamos as diversas representações das relações homoeróticas entre pessoas do mesmo gênero no interior do Império, e ao conceituar religião e sociedade como praticamente indissociáveis neste período histórico, respalda-se a ideia de que, muito mais do que uma questão sexual ou afetiva, as relações homossexuais no Império Romano possuíam diversas finalidades e interesses relacionados ao funcionamento da sociedade.

2.2 Estrutura das relações homoeróticas masculinas.

A respeito da dinâmica no interior da relação sexual pariforme, diversas fontes materiais artísticas e literárias retratam um aspecto, mencionado anteriormente acima de forma superficial, bastante curioso e rico em representações, à disposição dos participantes nas afinidades homoafetivas.

Com uma forte tradição escravocrata, o Império Romano possuiu, por tempo indeterminado, diferentemente dos gregos, uma norma rígida em relação a especificamente que posição um **escravo** teria durante o coito que neste caso seria, idealmente, a passiva. Pode-se teorizar que com base nas relações de poder implícitas no momento da cópula, isto representaria socialmente tanto a localização hierárquica de ambos os indivíduos perante a sociedade quanto a virilidade do "penetrador" ao afastar-se de uma postura tipicamente feminina, logo estabeleceu-se um "*ethos*" — uma ética — de penetração ligada à dominação

(HALPERIN, 1989: 34-35). Com intenção de legitimar com esta tese, podemos observar escritos, referenciados a figura de um dos principais representantes do estoicismo, corrente filosófica analisada posteriormente nesse trabalho, que relacionam a passividade com a desgraça e o afastamento da masculinidade:

E pensar que as pessoas têm tempo ocioso para se preocuparem com o que mendigos miseráveis fazem entre mendigos, enquanto importantes cidadãos empregam sua riqueza contra a natureza. Eles possuem legiões de eunucos e os amputam para exercerem uma longa passividade para atos vergonhosos. Porque eles têm vergonha de serem homens, eles os fazem serem tão poucos homens quanto possível. Ninguém vai ao resgate desses lindos fracos e indelicados.
Sêneca (4 a.C. – 65 d.C).

Todavia, é imperativo atentar-se para o fato de que, assim como o homoerotismo, a passividade sexual não estava ligada diretamente a sexualidade do indivíduo, pois estes conceitos e estigmas não pertencem ao mundo romano na antiguidade. Esta posição ou preferência por, era considerada igualmente vergonhosa se feita entre casais compostos por homem e mulher, como afirma Paul Veyne em “Sexo e poder em Roma.” (2008)

[...]havia pois, duas infâmias supremas: o macho que leva a fraqueza servil a ponto de colocar a boca a serviço do prazer de uma mulher e o homem livre que não se respeita e leva a passividade (impudicitia) ao ponto de se deixar possuir. (VEYNE, 2008, p. 233).

Portanto, outra constatação toma forma a partir disto, para os romanos, a censura em familiaridade ao sexo homofilo estava em: Um cidadão livre, de “plena cidadania” romana deixar-se penetrar e assim afastar-se do ideal masculino da época, tornando-se efeminado ou afeminado. Mais uma fonte pode nos confirmar esta teoria e mais, sinalizar para modelos de relacionamento homossexuais mais complexos do que se tem em mente em um Império Antigo:

O barbudo Calistrato se casou ontem com o robusto Afro, segundo os ritos que se costumam seguir quando uma virgem se casa. Precediam-lhes tochas acesas, um véu vermelho lhe cobria o rosto e não faltaram, ó Talásio, deus dos matrimônios, os teus cantos. Também se fixou um dote.
Não te parece suficiente, Roma? Ou acaso esperas que Calistrato dê à luz?
(MARCIAL, Epigramas, XII, 42).

Na sátira acima vemos que “Calistrato”, um homem maduro pela sua descrição como "barbudo" passa por todos os rituais de casamento relegado às noivas enquanto cânticos ao deus dos matrimônios são entoados em sua caminhada até seu "marido" chamado “Afro”. Uma vez mais vemos uma acidez latente no humor quando a figura masculina coloca-se em uma posição que, para a mentalidade da época, não lhe pertence tanto em relação às tradições femininas e um pouco mais longe, com a sátira sobre dar a luz a um filho.

Portanto, ao analisarmos estes excertos podemos encontrar, para além do humor sendo utilizado como forma de constranger comportamentos fora dos papéis de gênero, mesmo que diferentes da atualidade ainda rigidamente estabelecidos, o repugno dirigido à feminilidade, principalmente em “machos”. Sendo assim, quando o Dr. Cesar Possamai afirma que em uma sociedade que não fazia distinções bem delimitadas entre atos hetero e homossexuais, quaisquer sinais de falta de virilidade, um atributo tão necessário para um Império guerreiro expansionista, estariam ferindo diretamente ao ideal romano de “Homem”.

Deste modo, pode ser inferido que as relações homoeróticas masculinas no Império Romano possuíam uma estrutura bem delimitada e difundida e serviam a um padrão social que, indo além da mera satisfação sexual, tornava-se um aspecto público e relevante da vida de um cidadão romano podendo estar atrelado diretamente a sua masculinidade se acompanhasse algum comportamento considerado feminino, portanto inferior, para o padrão da época.

2.3 Homoafetividade Masculina e Feminina: A questão do gênero.

Outro ponto essencial a se considerar a respeito da homoafetividade, tanto em Paulo quanto no Império Romano da antiguidade, é a questão do gênero. As mulheres romanas, como mencionado na primeira parte deste capítulo possuíam uma posição social muito rígida e delimitada pelo que seria ou não feminino no ideal socialmente vigente, dessa forma, as práticas sexuais entre mulheres também estavam sujeitas a esta prerrogativa.

Sendo assim, autoras como Bernadette Brooten, uma das maiores, se não a maior especialista na área, nos mostra em primeiro plano a existência da preocupação da sociedade romana patriarcal com o tema das práticas sexuais afetivas entre mulheres em fontes literárias e outros registros produzidos na época. Brooten aborda, principalmente em *Love between women: early Christian responses to female homoeroticism*. (BROOTEN 1996.), diversos textos contendo representações dessas relações, em sua maioria, no molde satírico de

humor depreciativo bem comum à época. A respeito disso, poetas como Marcial e Juvenal, já utilizados previamente, fazem também referência a mulheres que se relacionavam entre si. Este último, em sua Sátira nº6, propositalmente opta por descrever mulheres que assumam a posição ativa no sexo homossexual como possuidoras de desejos antinaturais:

Há também aquela que não se contenta com um único parceiro; mas, sem se esconder, ela se entrega a todos, e de todos os lados recebe o que deseja. Em casa, ela se veste como um homem, exibindo-se com uma túnica curta, e com um pênis postiço, ela penetra suas amigas.
Que monstro é mais terrível do que uma mulher assim, que busca prazeres que não são naturais ao seu sexo, e que, com um membro artificial, rivaliza com os homens?
(Juvenal, Sátira 6, versos 306-313.)

Nessa passagem, o autor não só nos revela sua repulsa às mulheres homoeróticas e “desfeminizadas”, como também fornece uma informação que enriquece o conhecimento acerca das relações homoafetivas femininas, ao mencionar o uso de objetos sexuais dentro dessas práticas sendo utilizado para penetrar e gerar prazer para a parte que recebe a intrusão. Vemos também a aflição masculina romana ao constatar quaisquer condutas que pudessem rivalizar com o gênero masculino, pelo menos o bastante para mais uma vez utilizar o humor como forma de desacreditar tipos de indivíduos que estavam em desacordo com o regramento social vigente.

Para mais, segundo Brooten, não eram somente os humoristas que estavam preocupados em tratar sobre as subversivas mulheres homoeróticas. Sorano de Éfeso (sec I-II) importante médico da escola Metódica, colabora para o nosso estudo ao abordar essas mulheres de forma muito parecida a seus antecessores, mas aqui em um texto sério que visaria tratar da saúde sexual feminina.

Algumas mulheres, devido a um desejo excessivo ou a uma natureza peculiar, buscam ativamente o prazer sexual e assumem o papel do homem na relação. Elas usam instrumentos artificiais para penetrar outras mulheres, imitando o ato sexual masculino. Esse comportamento, embora raro, é visto como uma anomalia da natureza feminina. (Sorano, Ginecologia, Livro I, Capítulo 10 - 98-138 d.C.)

Para além, com o advento do cristianismo primitivo, o qual Paulo é principal vanguardista, a homossexualidade feminina também se torna uma preocupação espiritual. Segundo Brooten, o cristianismo teria vindo parar institucionalizar o desprezo às práticas sexuais e afetivas entre mulheres, promovendo uma verdadeira condenação e posterior criminalização das relações entre mulheres.

Por fim, a autora também contribui ao trazer ilustrações representando o amor entre mulheres e as mulheres com tendências homossexuais sendo representadas na arte romana,

entre elas, uma que é contemporânea ao recorte temporal contemplado nesse trabalho, é apresentado por Bernadette. B como um relevo sepulcral de duas mulheres retratadas em um gesto geralmente usado para representar casais casados. Todavia, pela baixa qualidade da imagem, foi preferido utilizar a versão disponível no site do Museu Britânico, anexada abaixo:

Figura 2 - Relevo sepulcral em mármore de duas mulheres apertando as mãos direitas. (24 a.C - 14 d.C)



Fonte: O Museu Britânico, 2025.

Ao passo que já compreendemos que um homem assumir características presumivelmente masculinas seria uma atitude considerada imoral, o inverso também torna-se válido. Juvenal, escritor cujo nome completo é Decimus Iunius Iuvenalis (c. 55-60 d.C. e c. 127 d.C.) mais conhecido por suas "Sátiras" contendo críticas ácidas aos comportamentos de seus contemporâneos, demonstrando como o humor é extremamente relevante para os romanos a fim de representar sua sociedade, podemos encontrar essa subversão do gênero mais uma vez tratada de forma negativa: "O que é mais vergonhoso do que uma mulher que se veste como um homem, que usa uma espada e luta como um gladiador, enquanto ignora os papéis tradicionais de sua feminilidade?" (JUVENAL, Sátira 2, 100-130 d.C)

Em "Sexo e poder na Roma Antiga: o homoerotismo nas obras de Marcial e Juvenal" (2014) o Dr. Possamai, ao citar Paul Veyne, mais uma vez traz reflexões a cerca da feminização dos atos homossexuais como vergonhoso: "Mas o cúmulo do desregramento sexual era representado pelo homoerotismo feminino. Uma mulher que ousava assumir o papel masculino era uma subversão insuportável para o machismo dos romanos." (VEYNE, 2008, p. 242)". Sobre efeito deste "desgosto" pelas práticas sexuais entre mulheres, têm-se

pouco material que sirva como fonte para compreendermos a estrutura dessas relações se compararmos ao seu correspondente masculino e, nas poucas representações encontradas há a presença clara dessa hostilidade e ridicularização a respeito do coito entre mulheres:

A tribade Filenis enraba os garotinhos e, mais libidinosa que um marido no seu ardor lúbrico, num só dia ela fode onze moças. [...] Embora faça tudo com libidinagem, não chupa um caralho, ato que ela julga ser pouco viril, mas devora com frenesi as bocetas das moças. Que os deuses conservem a tua inclinação, Filenis, tu que julgas coisa de homem chupar bocetas.” (MARCIAL, Epigramas, VII, 67).

Ainda neste epigrama, encontramos um dos principais pontos de referência para o estudo do homoerotismo e homoafetividade entre as mulheres pertencentes ao Império Romano, a palavra “tribade” ou “τριβάς” para se referir a mulher que pratica o tribadismo, ato que se caracteriza pelo que conhecemos atualmente como relações homossexuais entre mulheres, e que se relaciona ao termo *tritum*, do latim “esfregar” trazendo referência ao ato sexual de fricção das vulvas. Além dessas traduções de sentido simples, podemos também encontrar o translado do grego para o Inglês feito por Henry G. Liddel que carrega toda a antipatia que os romanos dirigiam a estas relações ao traduzirmos de forma fidedigna para o português: “τριβάδος: Uma mulher que pratica vícios não naturais consigo mesma ou com outras mulheres.” (Man.4.358, Ptol. Tetr. 171, Vett.Val.111.7, Glossaria).

Assim, através dos vocábulos acima relacionados, podemos concluir que, apesar do apagamento histórico, o ato sexual entre mulheres era conhecido e praticado neste contexto histórico, independentemente da aprovação social recebida ou interpretação atitude contrária à natureza.

No que concerne a representações dos relacionamentos sáfcos (ou seja, entre mulheres) na roma do primeiro século da era comum, temos alguns extratos escritos que demonstram a existência de tais relações. Vide o seguinte grafite encontrado nos muros de Pompéia que, apesar de nao possuir autoria clara é interpretado em “Homossexualidade Feminina na Roma Antiga (I d.C): Entre os Versos de Ovídeo e as Paredes de Pompéia” como tendo sido escrito por uma mulher através do significado do adjetivo “*perdita*” traduzido para “louca” e portanto tornando o eu lirico feminino.

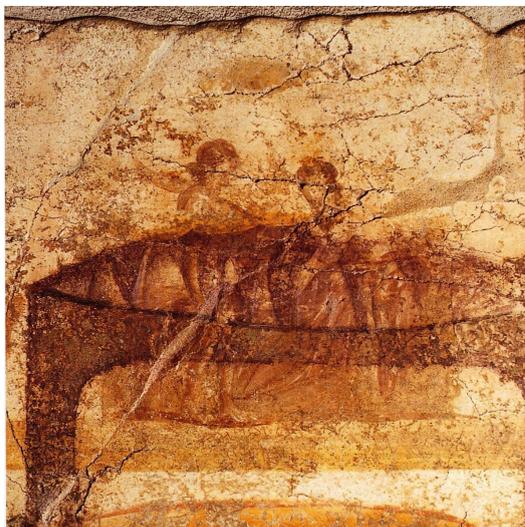
Quem me dera enrolar em meu pescoço os *seus* bracinhos e roubar beijos dos teus labiozinhos tenros vai, garotinha, e confia cada gozo aos ventos confia em mim, por natureza os homens são levianos. Enquanto sempre louca e insone atravessei a noite pensando a sós em tantas coisas: muitos a Fortuna alçou e depois os oprime súbito precipitados; também Vênus súbito une os corpos dos amantes e o dia afasta. (CIL IV, 5296)

Outro exemplo de representação do amor entre mulheres é o conto de Ífis narrado por Ovídio em sua obra chamada “Metamorfoses” IX onde a moça Ifis, criada como menino por sua mãe, é prometida em casamento a jovem Iante pela qual se apaixona e é correspondida. O excerto que atesta esse sentimento é traduzido da seguinte forma: “Daí o amor tocou o ingênuo peito de ambas, com feridas iguais e esperanças contrárias.” (Ovídio, Metamorfoses IX - 720\721)

Considerando que essas vivências afetivas e sexuais entre mulheres, mesmo sendo alvo de escárnio e desprezo não poderiam ser, em sua totalidade, impedidas pela moral e costumes da época, mas estando ainda sujeitas a visão tipicamente masculina de suas práticas, podemos encontrar na arte de Pompeia, riquíssima em fontes a respeito da sexualidade, a representação de um ato sexual homoerótico entre mulheres sendo, segundo “Homossexualidade feminina na Roma antiga (I dC): o conto de Ífis e Iante na Metamorfoses IX, de Ovídio e sua relação com cultura material de Pompéia” (LACERDA, 2022, p.192), descrito em como normalmente se faria se as figuras fossem um homem e um mulher, com uma das participantes do ato atuando de forma “ativa” enquanto a outra recebe a penetração ou simulação desta passivamente.

Abaixo, o mural representando essas mulheres envolvidas numa prática sexual considerada tipicamente “heterossexual”:

Figura 3 - Contorno de dois corpos femininos realizando o ato sexual com uma espécie de penetração sem elemento fálico. (62-79 d.C)



Fonte: LACERDA, 2022, p.192

De tal maneira, compreende-se que a “questão do gênero” influenciava diretamente o modo como a homoafetividade feminina era vista e tratada. Enquanto os homens encontrariam nas práticas sexuais com ambos os sexos a satisfação de seus desejos de forma quase plena, o ímpeto da masculinidade do homem romano em controlar o corpo feminino não permitiria, ou não veria com bons olhos, que estas estivessem entregues às suas “paixões”.

Sendo assim, é possível concluir que, apesar da pouca documentação a respeito, a presença da amor e sexo entre mulheres na antiguidade clássica, sobretudo no Império Romano, é factual e historicamente palpável. Além disso, ao registrar a discriminação objetiva a essas práticas quando realizada pelo gênero feminino, pode-se entendê-las como as primeiras, embora não consciente e ativamente, membros de um grupo caracterizado pelas atividades sexuais distantes do padrão.

3 - PAULO HISTÓRICO: DIÁLOGOS INTERDISCURSIVOS

3.1 Duas versões de um homem: : O Apóstolo da fé e o Personagem histórico

Ao passo que já estabelecemos introdutoriamente a importância de conhecer o remetente no gênero textual epistolar, e na medida em que nos dispomos a analisar uma personalidade tão influente quanto a de Paulo, torna-se indispensável pensar esse “Homem de Deus” para além da visão teológica, quanto à historicidade de sua figura. Assim como sua imagem na imagética popular foi construída nos séculos posteriores à sua história pela Igreja, também sua personalidade, enquanto esse homem divinizado, tornou-se alvo de constante revisão e, aqui, pelo ponto de vista histórico, de questionamento.

O Paulo bíblico, canonizado como um dos principais santos pelo catolicismo, é frequentemente interpretado como um exemplo de conversão, ao passo que ele mesmo se acusa como ex-perseguidor dos cristãos e agora justificado pela sua fé: “[...] quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível.” (Filipenses 3:5-6). E autobiograficamente: “Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para apóstolo, separado para o evangelho de Deus.” (Romanos 1:1). A partir dessa seleção divina, Paulo assume em suas cartas um compromisso total com a vida voltada ao reino dos céus, onde seu viver seria Cristo (Filipenses 1:21) e a morte não seria algo a ser temido, mas uma forma de estar definitivamente unido ao seu Deus. Consequentemente à sua auto instituição como apóstolo — visto que seu ministério não foi contemporâneo a Jesus, tendo se dado por volta de 50 d.C. —, ele encarrega-se de uma missão ligeiramente diferente de seus colegas de apostolado: a de converter os povos sem que fosse necessária a adequação destes à lei mosaica, tornando-se assim o pioneiro nessa iniciativa.

Quanto à sua contribuição teológica, muito valiosa aos cristãos, está expressa e muito bem representada quando este esclarece os seguintes pontos:

1. Que o caminho da salvação seria direcionado pela fé, acima das boas obras, estabelecendo assim a justificação pela crença, ao dizer: “Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei.” (Romanos 3:28)

2. Ao estabelecer a inclusão de outros povos como destinatários da salvação pelo cristianismo: "Porque não há distinção entre judeu e grego, pois o mesmo Senhor é rico para com todos os que o invocam." (Romanos 10:12)
3. E ao colocar o amor como máxima da mensagem cristã: "[...] e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria." (1 Coríntios 13:2)

Por fim, sua morte, de forma perfeitamente adequada, o torna um mártir do Império Romano, ao ser executado pela sua fé. Fato que é predito por ele com a garantia de que resultará na salvação para sua alma, tornando suas palavras também em um consolo para os cristãos contemporâneos ao fato:

Quanto a mim, já estou sendo derramado como uma oferta de bebida, e o tempo da minha partida é chegado. Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está reservada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda. (II Timóteo 4:6-8).

Seu legado subsequente é amplamente conhecido por todos que possuem algum conhecimento da tradição religiosa cristã. Como mencionado anteriormente, para os católicos, Paulo é considerado um santo mártir, padroeiro da comunicação e da evangelização; já para os protestantes, é geralmente o principal autor consultado para o estabelecimento das doutrinas eclesiais das diferentes denominações.

Dessarte, ao adotarmos uma metodologia que busca comparar e investigar as intencionalidades do discurso, Paulo pode ser interpretado como uma figura dotada de uma sagacidade latente. Veja-se, por exemplo, que, ao instituir em sua carta aos Romanos a obrigatoriedade da fé para o alcance da salvação, o Apóstolo, de certa forma, condiciona qualquer indivíduo que deseje alcançar o paraíso à conversão ao cristianismo. Isso porque as boas obras, independentemente de sua natureza, não seriam suficientes para a salvação — apenas a fé em Cristo como único e suficiente salvador. Partindo dessa prerrogativa, a única forma de livrar-se do inferno seria, então, por meio da adoção da religião cristã.

Ainda, como maior propagador da fé cristã entre os gentios (os não judeus), Paulo promoveu um dos fatores centrais para a ascensão exponencial do cristianismo: a possibilidade de inclusão de todos os povos como participantes da unidade da fé cristã.

Assim, ele se dedica pessoalmente a cuidar e “legislar” sobre as diversas comunidades nascentes, chamadas de “cristãs primitivas” seja presencialmente ou por meio de suas epístolas, com o objetivo de promover a harmonia, a manutenção e o crescimento do evangelho entre os povos.

Não obstante, e de mais fácil percepção ao se analisar o projeto de cristianização no qual Paulo figurou como um dos principais arquitetos, observa-se que, ao estabelecer, como dito anteriormente, o amor como máxima da mensagem cristã, ele possibilitou que esse sentimento unisse intensamente os primeiros cristãos. Essa mensagem pautada no amor incondicional e fraterno mostrava-se especialmente sedutora para as camadas mais baixas da sociedade, onde o cristianismo inicialmente se proliferou de forma mais acentuada.

Procurando agora traçar um perfil mais biográfico da figura de Paulo — não necessariamente a partir do que ele escreve como mensagem dirigida a outrem, mas da análise de seus textos epistolares e de outras fontes —, podemos afirmar, primeiramente, que, como já mencionado, Paulo tem origem helênica, vindo de Tarso, na Cilícia. Seu mais antigo registro ajuda a supor que tenha nascido na primeira década da Era Cristã, conforme pontua “Paulo: Apóstolo dos Gentios” (Fabris, 2008, p. 18). Essa sua formação helenística mais tarde se fará intensamente presente em sua escrita, sobretudo em suas inspirações em correntes filosóficas gregas célebres.

A respeito de Paulo, outros estudiosos também nos oferecem bases imprescindíveis para compreendê-lo. Podemos citar o historiador André Leonardo Chevitarese como um dos que nos instiga a retirar Paulo do pedestal da santidade para entendê-lo, como todos os personagens históricos, como um produto de seu tempo, sujeito às próprias incoerências e às escolhas influenciadas por seu contexto. Isso nos leva a buscar que tipo de contradições esse Paulo, despido da posição de homem divinizado, cometeu e relatou. A fim de respaldar essa visão, podemos citar como principal característica paradoxal — oriunda de sua origem judaica — a presença constante da tentativa de conciliar os ensinamentos judaicos com a nova doutrina cristã. Embora defendesse que a salvação da alma não provinha da “Lei” (isto é, dos mandamentos judaicos), mas sim por meio do sacrifício de Cristo, Paulo ainda procurava justificar o cumprimento da Lei dentro da construção do cristianismo. Nesse sentido, declara na carta aos Romanos: “Assim, a Lei é santa, e o mandamento é santo, justo e bom.” (Romanos 7:12).

Além disso, o cristianismo paulino também se permite reaproveitar noções já bem delimitadas no judaísmo, recortando passagens do que os cristãos conhecem como “Antigo Testamento” — e os judeus como “*Tanakh*” — e inserindo-as em seu próprio texto. Retornando à epístola aos Romanos, temos, no capítulo 3, Paulo citando os Salmos 14 e 53 para ressaltar como a humanidade carece da misericórdia divina diante de sua intensa depravação:

10 Não existe quem seja justo, nem uma pessoa só;
 11 Não existe quem compreenda;
 Não existe quem procure Deus.
 12 Todos se desviaram e ao mesmo tempo se desvalorizaram:
 Não existe quem faça algo de bom, nem um. (Romanos 3:10-12)

Outro tema sobre o qual podemos questionar a coerência paulina são as menções que ele faz a respeito do papel das mulheres dentro das comunidades cristãs, onde é possível observar a fragilidade do discurso diante da realidade das necessidades práticas. No início da epístola a Timóteo, Paulo afirma categoricamente: “Que a mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão. Não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o homem; esteja, porém, em silêncio.” (1 Timóteo 2:11-12). No entanto, como aponta Cavalcanti (2014) em “Mulheres em Paulo: observações metodológicas e um breve balanço historiográfico”, vemos que em Romanos 16 esse papel secundário inicialmente relegado à mulher, não se sustenta.

[...] em Febe que é chamada de *protastis* e *diakonos* (Rm 16: 1-2). Febe, segundo Castelli, é o dado mais significativo da atuação das mulheres em Paulo, pois nela se encontram o papel de benfeitora e de liderança local. Ou melhor, num momento em que os cristianismos urbanos estavam dependentes das lideranças locais e itinerantes o que se observa são mulheres assumindo funções coiguais nas casas-igrejas e como grandes patrocinadoras deste movimento. (Cavalcanti, 2014, p. 9)

Ainda com base em Romanos 16, Paulo, em suas saudações, menciona uma mulher como notável apóstola e sua predecessora no evangelho cristão: “Saudai Andrônico e Júnia, meus compatriotas e companheiros de prisão, os quais se destacam entre os apóstolos e estavam em Cristo antes de mim.” (Romanos 16:7). Tal referência esclarece que a posição idealizada por Paulo — em que a mulher deveria ser submissa e silenciosa — não prevaleceu em todas as comunidades, e que essa ruptura não pareceu efetivamente desagradá-lo.

Ademais, uma das diversas formas de se pensar Paulo enquanto um indivíduo histórico está presente em “Libertando Paulo: A justiça de Deus e a política do apóstolo”(Elliott, 1998), obra em que o autor nos convida a reanalisar Paulo como uma figura política subversiva dentro do Império Romano. Para Elliott, a “palavra da cruz”, pregada incessantemente por Paulo — como em Coríntios, onde afirma: “Nós proclamamos Cristo crucificado: um escândalo para judeus, um absurdo para gentios” (1 Coríntios 1:23) — seria, em seu ministério, uma denúncia contra a opressão imperial. A cruz, portanto, não seria apenas um símbolo religioso de salvação, mas também a representação do martírio de um líder popular, executado pelas autoridades que, naquele contexto, dominavam não apenas o povo judeu, mas também outras comunidades cristãs primitivas. Sob esse prisma, Paulo posiciona-se como uma voz de resistência frente ao processo de romanização, ao proclamar a crucificação de Cristo como “escândalo” e “absurdo”.

Dessa forma, compreendemos que, ao ser tratado como sujeito histórico, Paulo revela, como qualquer outro personagem de seu tempo, contradições, intencionalidades e opiniões próprias. Quando a figura do Paulo teológico — personalidade idealizada como exemplo de fé infalível para os cristãos — é confrontada com a análise histórica, surgem elementos que enriquecem o debate acerca da formação do cristianismo enquanto fenômeno histórico-social. Isso ressalta, de maneira exemplar, a importância de se questionar tais figuras e seus discursos.

3.2 Referencial filosófico no pensamento paulino.

Quando nos debruçamos sobre a tarefa de analisar as Cartas Paulinas, e suas considerações sobre a homoafetividade de forma que concerne à compreensão histórica e acadêmica de seu conteúdo, um dos primeiros fatores a serem buscados no texto para possibilitar uma investigação acurada são as influências externas presentes no discurso do autor. Assim, notavelmente, nas epístolas paulinas de “Atos dos Apóstolos”, “Romanos”, “Coríntios” e “Colossenses”, encontramos o vocábulo *βάρβαρος* [bárbaros] sendo utilizado por Paulo para se referir a povos não participantes da estrutura social helênico-romana — a exemplo, o versículo: “A gregos e a bárbaros, a sábios e a ignorantes, eu sou devedor”

(Romanos 1:14) — denotando, assim, que tanto seu vocabulário quanto suas ideias foram influenciados de forma direta pela cultura em que foi criado.

Este fato nos abre caminho para, embasando-nos no conceito filosófico de Jean-Jacques Rousseau (ROUSSEAU, 1762), de que o homem é um produto do meio, principalmente de sua educação e da sociedade em que vive, e novamente na assertiva: “Documento algum é neutro, e sempre carrega consigo a opinião da pessoa e/ou órgão que o escreveu” (PINSKY, 2009, p. 63), definirmos como próximo passo para compreender objetivamente o posicionamento de Paulo a respeito da homoafetividade o ato de procurar identificar quais correntes filosóficas oriundas do ambiente greco-romano foram utilizadas como base por Paulo para construir suas cartas. Sobre isso, devido à grande influência destas, e aos vestígios claros de concepções similares presentes nos textos paulinos, elegemos então as escolas **Estóica** e **Platonista** como foco deste segundo capítulo.

Ao se estudar o cristianismo primitivo, o qual tem Paulo como um de seus grandes líderes e precursores, é impossível deixar de elencar a influência helênica como uma de suas bases filosóficas. A exemplo disso, dentro dos escritos paulinos, Edson P. Lopes aponta para Colossenses 3:15, onde Paulo diz “Fostes chamados num único corpo”, como o reflexo perfeito do que o estoicismo, primeira corrente filosófica que trataremos em Paulo, diz sobre unidade, trazendo em seu discurso a prerrogativa de que “somos membros de um grande corpo”. Iniciamos então, por meio dessa comparação, a análise que empreende investigar as semelhanças entre o que diz Paulo em suas epístolas e o que defende o estoicismo.

Assim, ainda em “Filosofia da Religião: Estoicismo Romano e o Pensamento Cristão dos Primeiros Séculos” (LOPES, 2021), encontramos uma lista de quais seriam os motivos para que o estoicismo florescesse em Roma e se tornasse extremamente popular enquanto pensamento coletivo a ser seguido e estudado. Lopes aponta que esses facilitadores seriam:

- o interesse pelos problemas espiritualistas romanos;
- os laços com o Estado, com foco na busca da perfeição no interior do indivíduo;
- o forte sentimento religioso da fraternidade universal, o perdão, o amor ao próximo e o amor aos inimigos. (LOPES, 2010, pág 26)

Para atestar a similaridade nos pensamentos e idealizações de *modus vivendi*, principalmente sobre este último elemento, não é difícil encontrar diversos versículos nas Cartas Paulinas

que tratam a respeito do amor como a chave para espiritualidade e bem estar das comunidades cristãs:

1. O amor é paciente, prestante é o amor: não inveja, não fanfarrona, não se incha [de vaidade]; não é indecoroso, não procura as coisas [que são do interesse] dele; não se irrita nem contabiliza o mal [que lhe é feito]; (Coríntios 13:4-5)
2. Que entre vós tudo aconteça com amor. (Coríntios 16:14)
3. A ninguém nada deveis, a não ser o amar-vos uns aos outros. Pois quem ama o próximo cumpre plenamente a lei. (Romanos 13:8)
4. Que cada um de nós agrade ao próximo para o bem [conducente] à edificação [da comunidade]. (Romanos 15:2)

Edson P. Lopes agora referenciando Ullmann (1996, p. 19), ao dizer que: “assim como os cristãos, os estoicos se referiam uns aos outros como ‘irmãos’ ou ‘amigos’ em suas comunidades.” (LOPES, 2010, p. 31), o que pode ser ratificado como influência estoicista nos discursos de Paulo, tanto ao se conhecer razoavelmente as tradições cristãs, quanto ao buscar reflexos em seus escritos. Sobre isso, mais uma vez citemos Coríntios: “Quanto a mim, irmãos, não pude vos falar como a [pessoas] espirituais.” (Coríntios 3:1).

Ademais, a corrente filosófica estoicista, que remonta ao século III a.C. e que, subsequentemente, se populariza no meio grego, e por conseguinte também no romano, caracteriza-se, de forma geral, pela busca da “virtude”. Esta estaria pautada em algumas qualidades principais, sendo estas: Sabedoria, Coragem, Justiça e Temperança. Em consequência de ter esses dotes da razão como objetivo, os estoicistas tendiam a desprezar o “desejo”, caso este fosse colocado de forma que se tornasse protagonista das decisões do indivíduo. Assim, as típicas “paixões” humanas, fossem sexuais ou voltadas para outros vícios, eram disciplinadamente desprezadas.

Assim, a partir do ponto em que se reflete e esmiúça o pensamento particular de Paulo presente no conteúdo que endereçou às comunidades cristãs, podemos, sem muita dificuldade, encontrar pontos de contato. Como acima mencionado, para caracterizar o estoicismo, Paulo também demonstra seu desprezo por tudo que é de alguma forma contrário à “natureza humana” ou que se guia pelos desejos carnis. Vejamos este excerto: “Foi por isso que Deus os entregou às paixões da desonra: as fêmeas deles trocaram o uso natural [do corpo] por um que está para lá da natureza” (Romanos 1:26). Deste modo, logo podemos compreender que,

independente da revelação divina reivindicada por Paulo, já encontramos os primeiros vestígios da filosofia que o formou enquanto personalidade histórica.

Dessarte, quando Paulo aponta para o comportamento homossexual feminino como contrário à natureza, está prenunciando o fato de que a Igreja que se consolida a partir de seus escritos não irá reconhecer o sexo para o prazer — entre homem e mulher ou entre dois homens — como adequado. Isso se deve ao fato de que, pela influência sobre a qual se constrói a discussão deste tópico, nos primeiros séculos d.C. é incorporada pelo discurso cristão uma vertente estoica da filosofia. Apesar de, em si, o estoicismo não possuir um julgamento ou condenação que fale diretamente das relações sexuais entre pessoas do mesmo gênero, no cerne de sua filosofia os estoicos, prezando por seu ideal de natureza, rejeitavam o sexo que não pudesse resultar em procriação.

Para Maria A. Torres, em seu artigo “Os Significados da Homossexualidade no Discurso Moral-Religioso da Igreja Católica em Condições Históricas e Contextuais Específicas” (TORRES, 2006), que visa debater sobre como a homossexualidade foi vista pelo cristianismo primitivo até a consolidação da Igreja Católica, o estoicismo do primeiro século cristão, herdado por Paulo, rejeita o sexo entre homens pelo mesmo motivo que a contracepção: por, em sua natureza estoica, utilizar-se do sexo com a finalidade principal de reprodução.

De maneira tal, encontramos nas epístolas paulinas como um todo, Paulo não só argumentando que as paixões humanas corrompem a razão e necessitam da salvação e libertação proveniente de Cristo, mas também enfatizando pensamentos em comum ao prezar pelo autodomínio e razão — o que os estoicos chamam de *apatheia* (ausência de paixões destrutivas) — enquanto ele o apresenta como moderação e consequência frutífera do Espírito. Isso se vê também no desapego aos bens materiais, bastante característico tanto dos estoicistas quanto dos cristãos primitivos. Além disso, há a submissão ao “sobrenatural”, que em Paulo se manifesta na obediência a Deus, e no estoicismo, na aceitação da ordem natural do Cosmos.

Interligadamente, após tornarmos nossa investigação também preocupada com as influências filosóficas no discurso de Paulo a respeito da sexualidade ao tratarmos do estoicismo, também faz-se indispensável relacionar outra corrente de pensamento

intrinsecamente ligada à criação de Paulo enquanto homem histórico e sua subsequente produção teológica: o platonismo.

De maneira tal, primeiro buscamos identificar como as ideias do pensador Platão — filósofo grego situado séculos antes da contemporaneidade paulina, com atuação registrada entre 428 a.C. e 347 a.C., e influência indiscutível na filosofia ao longo dos séculos — se encontram dentro do cristianismo anunciado por Paulo no século I d.C., ao destrincharmos a compreensão do amor, da afetividade e do sexo dentro do platonismo.

Assim, ao entendermos que a filosofia platônica e a doutrina cristã compartilham pontos que se cruzam ao partilharem o dualismo entre alma imortal e corpo físico, também compreendemos, ao investigar mais profundamente, que o “amor” e as práticas sexuais também compartilham semelhanças cada vez mais acentuadas. A exemplo disso, encontramos o “amor platônico” na atualidade, compreendido como “não correspondido” ou “impossível”, e que possuía, em sua origem, uma intencionalidade que muito se assemelha à descrição que Paulo dá ao amor em Coríntios 13:4-8:

4 O amor é paciente, prestante é o amor: não inveja, não fanfarrona, não se incha [de vaidade];
 5 não é indecoroso, não procura as coisas [que são do interesse] dele; não se irrita nem contabiliza o mal [que lhe é feito];
 6 não se alegra com a injustiça, mas se alegra pela verdade.
 7 Tudo aguenta, tudo confia, tudo espera, tudo suporta.
 8 O amor nunca falha.[...] (Coríntios 13:4-8)

O amor para Platão, para além de conter as características já mencionadas de não possuir uma necessária reciprocidade, também era uma busca por um sentimento idealizado, com qualidades beirando a perfeição e que também, ao que corrobora com Paulo, não estava interessado na luxúria ou não era “indecoroso”, mas seria uma união entre o divino e o terreno dentro do ser.

Adentrando no pensamento platônico sobre o sexo, pelo menos onde se origina essa filosofia, nos escritos atribuídos a Platão encontramos uma equivalência ao pensamento estoíco do controle das paixões e, por associação, uma correspondência ao pensamento paulino. Em “A República” (Platão), o pensador opta por ser mais incisivo que seus afiliados de influência, ao passo que defende que, no “Estado ideal”, os casamentos e as uniões de cunho sexual deveriam ser organizadas e regulamentadas pelos governantes, com o intuito

principal de reprodução e otimização da descendência, onde a busca pelo prazer é novamente encarada como algo que resulta na perda da razão e corrupção da virtude.

Aprofundando-nos na concepção que aqui nos é mais interessante, Platão, em seu diálogo “Leis”, versa sobre o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo de forma diferente de escritos anteriores — onde chegou a exaltar o amor entre homens como algo elevado, como visto em “O Banquete“. Aqui, ele afirma que este tipo de prática é, de forma muito similar ao que Paulo dirá séculos à frente, antinatural.

[...]Seguramente não se deixa de constatar que, quando o macho se une à fêmea para procriação, o prazer experimentado é considerado devido à natureza; porém, contrário à natureza quando o macho se une ao macho ou a fêmea se une à fêmea, sendo que os primeiros responsáveis por tais enormidades foram impelidos pelo domínio que o prazer exercia sobre eles. (PLATÃO, *As Leis*, Livro VIII, 836c, 2005).

Para mais, dessa vez principalmente reafirmando a regulamentação do sexo e a destinação da sexualidade inteiramente para a reprodução, Platão apresenta mais “soluções, para que este objetivo será cumprido, atravessando no caminho a questão questão do homoerotismo, ao dizer que:

Possivelmente, se a Divindade o permitir, poderíamos impor uma de duas alternativas no que respeita às relações sexuais: ou ninguém ousará tocar nenhuma pessoa nobre e livre exceto sua própria esposa, nem lançar sua semente em mulheres adúlteras gerando filhos ilegítimos e bastardos, nem pervertendo a natureza desperdiçando seu sêmen na sodomia; ou então deveremos abolir inteiramente as relações com o sexo masculino. (PLATÃO, *As Leis*, Livro VIII, 841d, 2005).

Repetidamente, a visão a respeito das práticas homossexuais das filosofias helênicas encontradas no interior de Paulo, somadas a própria visão do autor das epístolas que são fontes basilares deste estudo, se complementam ao desprezarem a influências que as paixões exercem sobre o homem e que conseqüentemente os leva a prática contrária a natureza de praticar o sexo para outros fins além da fecundação, e por conseqüência o sexo entre homens e homens, e mulheres e mulheres, são incluídos nas perspectivas não aceitáveis dado ao fato da necessidade de procriação não estar sendo atendida. Dessa forma, percebemos através destes pontos de contato, como as influências do contexto são presentes na autoria de Paulo enquanto sujeito histórico.

3.3 Endereçamento as comunidades cristãs

À vista da ampla discussão a respeito de como Paulo se valeu de referenciais teológicos e filosóficos para que a escrita de suas epístolas colaborassem com a disseminação e o fortalecimento da identidade cristã nascente, cabe agora expandir um dos temas mencionados durante a seção anterior desta monografia: a perspectiva de como todas essas orientações doutrinárias foram recebidas pelas comunidades cristãs às quais foram inicialmente endereçadas. Isso porque tais cartas não apenas moldaram os quadros teológicos da igreja primitiva, como também abordaram questões práticas enfrentadas por essas comunidades. Para tanto, identificaremos primeiramente quais seriam essas “congregações” às quais Paulo se refere.

Seguindo a ordem utilizada ao longo da pesquisa, iniciaremos pela mais simples de apontar o destinatário: a Carta aos Romanos. Para além do gentílico que dá nome à epístola, logo no início dessa carta Paulo afirma: “a todos os amados de Deus que estais em Roma, chamados santos: graça e paz para vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.” (Romanos 1:7). Assim, fica claro que escreve para a comunidade situada na capital do Império, que nos séculos posteriores se tornaria também a capital do cristianismo católico.

Por conseguinte, tratando da Carta aos Coríntios, também no capítulo inicial encontramos o excerto: “à congregação de Deus que se encontra em Corinto [...]” (I Coríntios 1:2). Essa congregação, segundo Lourenço (2018, p. 216), foi fundada pelo próprio Paulo na cidade de Corinto, importante centro portuário da Grécia, sendo, portanto, destinatária direta dos ensinamentos da epístola.

Por fim, a epístola que leva o nome de Timóteo inicia-se, após a auto identificação de Paulo, com: “A Timóteo, filho legítimo na fé: graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor.” Assim, fica claro que a carta se dirige ao colaborador de Paulo, Timóteo, considerado líder e exercendo um “bispado” em Éfeso, região situada na Ásia Menor e também pertencente ao Império Romano da época sendo, por consequência, também comunidade alvo da mensagem paulina.

Ao passo que, de acordo com os versículos supracitados, identificamos essas comunidades e membros como pertencentes não só ao círculo de influência de Paulo, mas também como estando sob domínio romano, somos abastecidos de bases para compreender

melhor como se deu a construção do sentimento de unidade cristã forjada arduamente pelo discurso paulino e, conseqüentemente, a difusão de seu ideal a respeito da homossexualidade para essas comunidades.

Dando continuidade e uma nova faceta ao argumento primário — de que o contexto histórico de Paulo, inserido num cenário judaico sob influência greco-romana, influenciou diretamente em sua produção textual —, percebemos que essa mesma dinâmica se repete quando as comunidades em formação recebem essa mensagem. Assim, é importante entender que esses grupos, sob a gerência de Paulo e de outros apóstolos, tiveram seu início fortemente baseado na observância da *Tanakh*, através dos ensinamentos de manutenção da “Lei” mosaica indicados por Paulo e outros, mas também moldados pelas práticas latinas e helênicas, especialmente no que tange à organização em *ekklēsiai* (eclésias).

Partindo de uma visão que embora reconheça as grandes contribuições teológicas e espirituais de Paulo, concentra-se em como ele proveu bases organizacionais que efetivamente atuaram como pedra angular para o sucesso da difusão do cristianismo, percebemos inicialmente a sua ênfase na autoridade dos apóstolos, grupo do qual ele mesmo se inclui, na gestão das comunidades primitivas. Essa autoridade se manifesta também na delegação de funções a seguidores em cargos auxiliares, propiciando o abandono da completa informalidade guiada apenas pelo “Espírito” e estabelecendo, em seu lugar, um processo de institucionalização com hierarquia e estrutura mais definidas.

Ademais, ainda no campo das contribuições organizacionais proporcionadas por Paulo, o estabelecimento de rituais como o batismo e a celebração da eucaristia como práticas fixas e essenciais trouxe aos cristãos primitivos um sentimento de identidade e unidade. Dessa forma, todas as comunidades que partilhavam dessa mesma tradição poderiam se reconhecer mutuamente dentro do ideal de “irmandade”, reforçado pela teologia e doutrina paulinas.

Sobretudo, ao analisar os impactos dos escritos paulinos nessas comunidades, a percepção resultante é a de que as epístolas de Paulo atuaram como verdadeiras ferramentas educacionais, quase pedagógicas, com o objetivo de repassar diretrizes que se perpetuariam como regras de fé nos séculos e milênios seguintes. Ao promover ensinamentos sobre o amor fraterno, a identidade comunitária e até certo nível de igualdade espiritual — como se observa ao aplicar o princípio de que, a partir do batismo, todas as divisões sociais e culturais seriam superadas pela graça de Cristo, Paulo convida os primeiros cristãos à reflexão sobre pautas

como a escravidão e a acepção de pessoas com base em origem. Como afirma em I Coríntios: “E num espírito todos nós fomos batizados para [formarmos] um corpo quer judeus, quer gregos; quer escravos, quer pessoas livres e todos bebemos de um mesmo espírito” (I Coríntios 12:13).

Outras repercussões positivas para a estruturação e propagação do ideal cristão nos primeiros séculos foram sentidas por essas comunidades através de efeitos práticos no cotidiano. Além dos diversos fatores supracitados que tornaram os cristãos uma classe com identidade forte e coesa, as cartas de Paulo, ao fazerem uso de narrativas judaicas, ajudaram essas comunidades a identificarem-se com a história de Israel, reforçando sua identidade coletiva enquanto povo de Deus.

Demais aspectos abordados por Paulo envolviam conflitos intracomunitários. Como nos aponta Richard Last em “*The Pauline Church and the Corinthian Ekklēsia: Greco-Roman Associations in Comparative Context.*” (LAST, 2016), o autor destaca como Paulo recrimina a divisão entre os “que têm” e os “que não têm” durante a Ceia do Senhor. Isso pode ser atestado na carta aos Coríntios, quando Paulo relata:

[...] e esse passa fome, enquanto o outro está embriagado. 22 Será que não tendes casas para comer e beber? Ou desprezais a congregação de Deus e envergonhais aqueles que nada têm? Que vos direi? Haveria eu de vos louvar? Nisso, não louvo.” (I Coríntios 11:22).

Assim, percebe-se seu total desagrado com o sistema desigual empregado em Corinto, onde alguns membros da eclésia eram favorecidos em detrimento de outros, utilizando esse versículo, e a continuação do capítulo, para exortar a um andamento mais justo e respeitoso na celebração da Eucaristia.

Outrossim, retomando uma discussão sutilmente abordada anteriormente — a oposição paulina ao Império Romano —, autores como Neil Elliott discutem como Paulo estaria, de fato, pregando uma resistência velada ao Império. No capítulo 6 de “*The Arrogance of Nations: Reading Romans in the Shadow of Empire*” (ELLIOTT, 2006), Elliott aprofunda a leitura de Romanos 13 ao argumentar que, embora o capítulo possa ser interpretado como uma orientação que legitima a autoridade romana, Paulo escreveu Romanos sob a “sombra” do Império. Diante da perseguição e censura, sua exortação à obediência ao poder imperial configura, então, uma estratégia de sobrevivência, tanto para as comunidades quanto para o próprio evangelho, com o objetivo de reduzir os riscos de uma aniquilação militar total promovida pelo Império. Ainda no âmbito da mesma reflexão, mas

recuando ao capítulo anterior da fonte paulina, Elliott também aponta Romanos 12 como uma chave adicional para compreender o antagonismo de Paulo em relação ao Império. Ele apresenta a seguinte citação: “A exortação em Romanos 12, culminando em 12:21, é um chamado à não violência, mesmo diante da opressão. A chamada para 'vencer o mal com o bem' deve moldar a forma como lemos a relação com as autoridades [...]” (Elliott, 2008, p. 211).

Doravante, retomando o tema central desta monografia, mas agora buscando compreender como os escritos de Paulo sobre sexualidade também impactaram as comunidades cristãs primitivas, podemos recorrer a alguns discursos patrísticos de cristãos dos primeiros séculos. Como exemplo, apresentaremos três citações de distintas personalidades cristãs:

1. “Nós, ou nos casamos desde o princípio para a única finalidade de gerar filhos, ou renunciamos ao matrimônio, permanecendo absolutamente castos” (Justino, I Apologia 2021, p. 23).

Em sua obra “Apologia”, aqui usada na versão traduzida por Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin, Justino “Mártir” (c. 100–165 d.C.), filósofo e apologista cristão, escreve a respeito da sexualidade nos moldes cristãos, onde podemos ver novamente a ênfase no sexo como unicamente um meio para procriação, de forma análoga ao que encontramos nos escritos de Platão, na filosofia estoica e na escrita paulina.

Ademais, a citação de Justino também aponta para a influência de Paulo na exortação à castidade, como diz em Coríntios 7: “Acerca do que escrevestes, [é] bom para um homem não tocar numa mulher. No entanto, por causa da fornicação, que cada homem tenha a sua mulher e que cada mulher tenha o seu marido.” (Coríntios 7:1-2). Neste capítulo, para além desse trecho, Paulo continua a aconselhar que os cristãos sejam idealmente celibatários, como o próprio afirma ser.

Amparado-nos agora nas produções discursivas de outro cristão primitivo, Clemente de Alexandria (150–215 d.C.) teólogo e filósofo cristão que segundo Wilson Ribeiro (2016) procurava harmonizar a filosofia grega, da qual já atestamos que as cartas provavelmente Paulinas beberam como fonte, com o cristianismo. Aqui Clemente explicitamente traz uma condenação a luxúria e, como cita, lascívia geralmente relacionada às práticas sexuais divergentes do modelo cristão instituído, entre outras bases, pelas cartas Paulinas.

2. “Os homens desempenham o papel de mulheres, e as mulheres o de homens, contra a natureza; as mulheres são ao mesmo tempo esposas e maridos: nenhum caminho está fechado contra a lascívia.” (Clemente, O Pedagogo, Livro III, cap. 3, 2014).

Amparado-nos agora nas produções discursivas de outro cristão primitivo, Clemente de Alexandria (150–215 d.C.) teólogo e filósofo cristão que segundo Wilson Ribeiro (2016) procurava harmonizar a filosofia grega, da qual já atestamos que as cartas provavelmente Paulinas beberam como fonte, com o cristianismo. Aqui Clemente explicitamente traz uma condenação a luxúria e, como cita, lascívia geralmente relacionada às práticas sexuais divergentes do modelo cristão instituído, entre outras bases, pelas cartas Paulinas.

3. "E então, não se envergonharam sequer de suas concupiscências para com as mulheres, transferiram mas essa paixão para uns com os outros. As mulheres mudaram o uso natural, e não por necessidade, mas por pura luxúria. (Crisóstomo, Homilia IV sobre a Epístola aos Romanos , PG 60, 417).

O terceiro e último trecho, dessa vez retirado de um recorte mais a frente no tempo, onde João Crisóstomo, Bispo oriundo de Antioquia que viveu no século IV e é reivindicado pela Igreja (católica) como Doutor da Igreja, ao fazer uso de Romanos 1:26-27, argumenta que a homossexualidade feminina seria um sinal de corrupção moral e contra o “uso natural” conceito já bastante discutido no tópico anterior.

Assim, a partir da percepção que Paulo, por intermédio de suas cartas, está intrinsecamente ligado à formação, expansão, e estruturação das comunidades cristãs supracitadas, é possível assimilar a compreensão de que toda sua produção a respeito da sexualidade fez mais do que apenas direcionar essas congregações para um ponto de vista hostil a respeito da diversidade sexual, mas, as epístolas Paulinas carregadas de influências internas e externas como aqui analisado, modelaram os discursos difundidos no meio cristão tanto no recorte de tempo contemporânea quanto a posteriori.

4 - AS RELAÇÕES HOMOSSEXUAIS NAS CARTAS PAULINAS: ENTRELAÇANDO SABERES, ASSUMINDO POSICIONAMENTOS.

4.1 Relações homossexuais no interior das cartas paulinas.

Dando continuidade à tarefa de compreender a diversidade sexual nas produções discursivas paulinas — agora nos distanciando da abordagem contextual e comparativa dos primeiros capítulos —, buscamos analisar criticamente o que de fato Paulo afirma a respeito de outras modalidades sexuais que escapam ao ideal, evidenciado nos tópicos anteriores, do casal formado por macho e fêmea com intuito reprodutivo. Para isso, serão analisados excertos retirados diretamente da tradução de Frederico Lourenço (2010), que, como supracitado, apresenta uma transposição alinhada à historiografia, baseada diretamente nos escritos em grego e em passagens em aramaico e hebraico.

Nesse sentido, como primeiro mecanismo para a compreensão do posicionamento de Paulo a respeito da pluralidade sexual, e seguindo a ordem apresentada nesta monografia, atentamo-nos à sua opinião quanto à performance de feminilidade por parte do sexo masculino. Assim, partindo do pressuposto de que buscamos situar Paulo em seu contexto histórico, bem como relacioná-lo diretamente aos discursos correntes de sua época, é possível refletir sobre como ele dialoga com os conceitos de masculinidade e homossexualidade.

A primeira vez que Paulo utiliza o termo “afeminado” é em sua epístola destinada aos coríntios, onde proclama: “Ou não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos enganéis: nem fornicadores, nem idólatras, nem adúlteros, nem afeminados, nem homens que se deitam com homens [...]” (I Coríntios 6:9). O termo usado aqui para designar o homem feminizado é *malakoi*, palavra grega que possui significados como “mole” ou “macio”. Esse termo é acompanhado por outro vocábulo: *arsenokoitēs* — derivado de *ársên* (“macho”) e *koitê* (“cama”, “coito”). Com base na etimologia da primeira expressão, pode-se interpretar que Paulo condena os homens que apresentam ou exercem características consideradas femininas. Todavia, esses traços nunca são explicitados na carta, ou seja, a reprovação presente neste versículo pode ser empregada tanto a homens com traços associados às mulheres, que se vestem como elas, que se adornam da mesma forma, ou ainda àqueles que não cumprem o que era socialmente esperado como obrigações masculinas.

Essa última proposição, raramente abordada, ganha peso sob a perspectiva da história social, uma vez que Paulo estava inserido em uma sociedade onde, como já mencionado, as guerras expansionistas e, por consequência, o militarismo faziam parte do cotidiano e dos deveres atribuídos aos homens. Assim, *malakoi* adquire uma nova leitura: a de condenação à fragilidade, característica frequentemente atribuída ao gênero feminino. Sob essa perspectiva, Paulo estaria, em primeiro plano, dirigindo sua reprovação aos homens que se afastavam das normativas de masculinidade vigentes.

Além disso, essa interpretação pode ser reforçada por diversos autores que tratam da sexualidade no Império Romano. Por exemplo, ao revisitarmos Paul Veyne, encontramos a afirmação de que, no contexto greco-romano: “Ser ativo era ser macho, qualquer que fosse o sexo do parceiro passivo.” (VEYNE, 2008, p. 233). Essa visão separa as práticas sexuais do conceito de masculinidade, na medida em que o simples ato de atuar como parte ativa — exercendo a penetração — conferia status de virilidade, fosse em uma relação sexual com o gênero oposto ou com o mesmo gênero.

A fim de reforçar a ideia de que a condenação ao “indivíduo afeminado” não se refere necessariamente à prática homossexual em si, podemos recorrer à obra “*One Hundred Years of Homosexuality and Other Essays on Greek Love*” (HALPERIN, 1986), na qual Halperin retoma a noção apresentada por Veyne. O autor destaca que, desde que o cidadão grego, cultura da qual Paulo era partícipe e na qual escreve suas epístolas, se colocasse na posição ativa da relação sexual, geralmente em oposição à parte passiva (composta por escravos, servos ou jovens), não haveria qualquer associação entre esse homem e a feminilidade ou fragilidade. Halperin amplia essa ideia ao abordar todas as formas de relação sexual sob a ótica de um *ethos* da penetração, como se verá no trecho a seguir:

Na Atenas clássica, então, os parceiros sexuais eram classificados de duas formas distintas — não como homem e mulher, mas como ativo e passivo, agressivo e submisso. As características relevantes de um parceiro sexual não eram determinadas por uma tipologia fisiológica de gênero, mas sim pela articulação social do poder. (HALPERIN, 1986, p. 39)

Ainda abordando a possível pluralidade de significados atribuídos ao termo *malakoi* — seja como “afeminado” ou como aquele que não condiz com as características atribuídas ao gênero masculino nesse contexto —, mas agora sob uma abordagem atípica, Eva Cantarella propõe conflitar com que foi anteriormente discutido acerca da passividade sexual

ser unicamente desempenhada por indivíduos considerados inferiores e, portanto, femininos. A autora analisa os humores do povo romano em relação aos indivíduos acusados de passividade, observando como esses eram percebidos socialmente:

O que parece emergir da reação popular à ‘desviância’ dos poderosos é uma espécie de reivindicação por autonomia pessoal, um desejo confuso e possivelmente inconsciente de obter reconhecimento, mesmo em meio ao riso debochado, por um princípio muito importante: **mesmo um homossexual passivo — parece dizer a multidão — pode ser um homem.** Mesmo que ele não seja César; mesmo que ele não seja Augusto. (CANTARELLA, 2002, p. 163, tradução livre).

A reação popular acima mencionada circundava o escárnio gerado pelas insinuações de que grandes autoridades afamadas, como imperadores (Nero) e líderes militares absolutos (Júlio César), praticavam a passividade em suas relações sexuais — algo que a autora analisa não só como uma repressão popular moralizante, mas como uma afirmação da diversidade sexual dentro do conceito de masculinidade. De modo tal que, mesmo sendo apontados como “desviantes”, não era possível enquadrar essas figuras como exemplos de feminilidade em homens.

Sendo assim, apesar de, em uma perspectiva geral, ser possível considerar que *Malakoi* possivelmente se referia a um praticante passivo do homoerotismo, nem mesmo é possível ter certeza de que um homem passivo seria considerado em 100% desviante do ideal heleno-latino de masculinidade ou virilidade. Assim, seria consideravelmente mais preciso, tomando certa distância de uma perspectiva anacrônica, considerar que Paulo muito provavelmente estaria se referindo a homens que não cumpriam obrigações tipicamente masculinas e não condenando, com esse termo, qualquer das posições dentro da relação sexual entre homens.

Prosseguindo, voltando-nos agora para o próximo termo usado por Paulo no versículo acima exposto, temos *ársên* e *koítê* aglutinados no termo *arsenokoítēs* — no plural *arsenokoítai* — e traduzidos popularmente como “homens que se deitam com homens”. Podemos obter diferentes interpretações notáveis. Por exemplo, apesar do semi-consenso histórico de que esse termo, presente nas cartas aos Coríntios e a Timóteo, estaria sendo utilizado para puramente condenar toda a prática homoerótica e os que dela desfrutavam, podemos antes considerar outros tipos de análises sobre essa temática notavelmente controversa.

Primeiro, de acordo com David F. Greenberg em “*The Construction of Homosexuality*” (1988), tanto a origem quanto o uso do termo *arsenokoítēs* poderia ter sido uma espécie de “neologismo” criado por Paulo, baseado na tradução grega da *Tanakh*, mais precisamente em Levítico 18, não possuindo assim uma tradução de sentido fixa para outras línguas, como, neste caso, buscamos no português. Dessa maneira, fazer uma tradução direta do vocábulo para “homossexuais” ou “machos que se deitam com machos” pode não ser a escolha mais acertada. Posteriormente, ainda considerando as contribuições de Greenberg para a discussão, mas agora enquanto este referencia outro autor de grande impacto para o tema, encontramos mais uma argumentação que sugere uma interpretação diferente para o termo em discussão. Abaixo, um excerto que condensa essa visão comum a ambos os autores:

Boswell argumenta que *arsenokoitai* pode não se referir à homossexualidade. Ele observa que, em todas as inúmeras ocorrências em que a homossexualidade é mencionada na literatura grega, a palavra *arsenokoitai* nunca é usada. Sua análise linguística o leva a sugerir que o termo se refere a prostitutos masculinos ativos que serviam tanto homens quanto mulheres. (GREENBERG, 1988, p. 213, tradução livre).

Sendo assim, para além de corroborarem com a ideia de que *Arsenokoítēs* é uma criação do que podemos chamar de “grego Paulino”, visto que uma das formas mais comuns de compreender o significado de uma palavra, procurar outras ocorrências desta em contextos semelhantes, não é possível com este termo. Através da análise linguística de Boswell, a condenação de Paulo é redirecionada para os prostitutos que praticavam, para além do sexo com mulheres, também a homossexualidade.

A partir de agora, fazendo uso propriamente dos escritos de John Boswell quanto à conotação de *arsenokoitai*, em tradução livre de seu texto “*Christianity, Social Tolerance, and Homosexuality: Gay People in Western Europe from the Beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century*” (1980), sua argumentação é particularmente direta em sugerir que:

A segunda palavra, *arsenokoitai*, é bastante rara, e sua aplicação à homossexualidade, em particular, é mais compreensível. As melhores evidências, no entanto, sugerem fortemente que ela não denotava homossexualidade para Paulo ou seus contemporâneos, mas significava ‘prostituto masculino’ até bem dentro do século IV, após o qual passou a ser confundida com uma variedade de termos para atividades sexuais reprováveis e foi frequentemente equiparada à homossexualidade. (BOSWELL, 1980 p. 107, tradução livre)

Assim, apesar de reconhecer que a associação do termo grego à homossexualidade ser plausível, sustenta sua afirmação de que, pela falta de uso da palavra em contextos que sugeriram o significado tradicional imputado a ela, estaria mais próxima de representar outro tipo de conduta sexual reprovada, também mencionada por outros autores: a prostituição.

Além disso, ainda nas perspectivas que contrariam o senso historiográfico e confessional habitual, Silvio Gomes apresenta uma outra compreensão desse termo cunhado pelo grego paulino. Em seu artigo “O Que Paulo diz sobre as Relações Homoeróticas?” ([s.d.]), traz uma leitura mais relacionada à dominação e imposição:

O uso do termo *arsenokoitai* como o ativo na relação sexual homoerótica, poderia receber uma conotação mais aplicada à homoafetividade, mesmo na análise social. Contudo, sua relação está mais ligada à dominação sexual, à subjugar um homem ou adolescente, sexualmente falando, por meio do poderio econômico ou da força bruta. (GOMES, [s.d.], p. 22)

De maneira tal que o ponto central da condenação prescrita em Coríntios, como já sobredito, e ressaltada em 1 Timóteo, quando Paulo lista os seguintes transgressores: "fornicadores, machos que se deitam com machos, traficantes de escravos, mentirosos, perjuros e qualquer outra coisa que se oponha à sã doutrina." (1 Timóteo 1:10), é transferido da prática sexual em si para os meios de realizá-la.

Todavia, trazendo novamente a questão da masculinidade, abordada ao tratarmos anteriormente de *Malakoi*, Gomes ainda conclui que a imposição e/ou adoção da passividade seria o real objeto de repreensão. Sobre isso, Gomes complementa:

[...] No primeiro caso do uso da palavra “*arsenokoitai*”, se denuncia o uso do sexo como dominação do outro. No segundo, como cúmplice ativo na “desmoralização” do homem. Nestes dois casos, não se condena a união homoafetiva, mas a prática de fazer do homem, uma “mulher”. Quer pela dominação e prostituição, quer pela prática socialmente condenável de colocar o outro “como mulher”.. (GOMES, [s.d.], p. 22)

Por fim, recebendo de Paulo e das fontes disponíveis considerável menor destaque, a homossexualidade feminina é novamente tópico de análise para uma compreensão total da percepção contida no interior das epístolas a respeito da sexualidade. No tocante à presença bíblica de referências ao amor ou sexo entre mulheres, a quantidade de informações segue diminuta, de tal forma que o primeiro fator a se considerar a respeito é se esta de fato existe, visto que, dentro de aportes já utilizados aqui, em especial do autor Silvio Gomes, encontramos a perspectiva contrária.

Para entendê-la, primeiro cabe analisar o fragmento ao qual ela se refere, descrito abaixo:

Foi por isso que Deus os entregou às paixões da desonra: as fêmeas deles trocaram o uso natural [do corpo] por um que está para lá da natureza; e do mesmo modo também os machos, rejeitando o uso natural da fêmea, abraçaram-se no desejo de uns pelos outros, machos nos machos praticando o indecoro e recebendo em si mesmos a recompensa que era devida do seu equívoco. (Romanos 1:26-27)

Sobre isso, Gomes apresenta uma argumentação contrária a interpretação mais comum de que o versículo acima estaria se referindo a homossexualidade feminina, tratando-a como uma falha simples de compressão da estrutura das frases.

Contudo, Paulo não está dizendo que as mulheres estão tendo relações sexuais com outras mulheres, da mesma forma que os homens estão tendo com homens. Ele diz que as mulheres mudaram o uso natural das suas relações, assim como os homens deixaram o uso natural das mulheres. . O que ambos têm em comum não se trata da relação homossexual. Mas o fato de manter relações sexuais contra a natureza. Elas de um modo e eles de outro. Contudo, ambos os grupos, contra a natureza. (GOMES, [s.d.],p. 9)

Todavia, apesar de não existir um consenso de que as práticas contrárias à natureza mencionadas seriam homoeróticas, aqui nos debruçamos sobre a tarefa de analisar a homossexualidade em Paulo, inclusive a possibilidade feminina da prática; portanto, seguiremos o viés que entende essa passagem da epístola como referindo-se à homossexualidade feminina. Dito isso, neste excerto podemos identificar diferentes elementos que servem de base para reforçar a tese da influência do meio em que Paulo estava inserido na produção de suas epístolas.

Em primeiro lugar, como este não denota tanta preocupação em hostilizar as práticas homossexuais femininas, traz-se a noção de que estas não eram tão comuns no meio das comunidades cristãs primitivas a ponto de gerar a mesma preocupação que seu equivalente masculino. Em segundo plano, podemos encontrar mais uma vez o entendimento dessa prática como não natural, a mesma percepção contida no significado que se dava ao tribadismo, sendo costume dos latinos e helênicos separar atos e preferências entre naturais e não naturais.

Ademais, outro fator curioso ao analisarmos a passagem é o fato de que não se encontra, nessa citação de Paulo, a condenação explícita ao inferno que podemos observar nos versículos das cartas aos Coríntios, por exemplo, onde a sentença é clara. Afinal, o versículo nono se inicia da seguinte forma: “Ou não sabeis que injustos não herdarão [o] reino de Deus?”; em seguida, listando o tipo de pessoas que estarão fora do paraíso.

Dessa forma, pode-se indicar uma visão mais “branda” sobre a homoafetividade feminina em

Paulo, ou até mesmo uma não compreensão dessas práticas como um ato sexual completo, visto que estas eram amplamente ridicularizadas em seu contexto de vida e produção discursiva.

Com semelhante objetivo à sua menção anterior, retornamos a buscar auxílio de Boswell, que agora segue sua interpretação da homossexualidade em Paulo, tratando do versículo da epístola aos Romanos, mais uma vez distanciando o que Paulo repreende de um veredito condenatório à homossexualidade, como abaixo relacionado:

Romanos 1 não condenava o comportamento homossexual como ‘contra a natureza’ no sentido de violação da ‘lei natural’.[...] Para Paulo, as atividades em questão estavam além da natureza no sentido de ‘extraordinárias, peculiares’, assim como a salvação dos gentios, descrita com a mesma expressão. (BOSWELL, 1980 p. 115, tradução livre)

Procurando neste ponto evidenciar um olhar mais focado para as discussões a respeito de gênero e papel social dentro da questão da homossexualidade em Paulo, reexaminaremos “Love between women: early Christian responses to female homoeroticism. (Brooten, 1996.), para ressaltar outras contribuições de Brooten para a discussão. Em sua obra, de forma ligeiramente diferente, a autora analisa Romanos 1 em seu capítulo 9 não procurando questionar a reprovação de Paulo sobre essa prática, mas sim as razões por trás dela, sobre isso Brooten argumenta o seguinte:

[...] Paulo condena as relações sexuais entre mulheres como ‘antinaturais’ porque partilha da visão cultural amplamente difundida de que as mulheres são, por natureza, passivas e, portanto, devem permanecer passivas nas relações sexuais. Assim como os autores do período helenístico e romano discutidos anteriormente, ele entende as relações sexuais como assimétricas, de modo que todo encontro sexual necessariamente envolve um parceiro ativo e outro passivo. Relações igualitárias e mútuas não faziam parte do discurso cultural dominante da época. Segundo essa literatura, uma mulher não pode assumir naturalmente o papel ativo, o que torna impossível uma relação sexual entre mulheres ser considerada natural. (BROOTEN, 1996, p. 216, tradução livre)

Dessa forma, a autora faz uso do contexto latino-helênico que, em suma, desprezava a sexualidade feminina, para conjecturar que esta foi a razão para que Paulo alegasse que esse tipo de relação seria contra a vontade divina.

Para mais, traçando paralelos entre Paulo e autores contemporâneos à sua mensagem, Brooten (1996, p.s 269–270) analisa e conclui que pensadores como Cícero (106–43 a.C.) e Filon de Alexandria (aprox. 20 a.C.–50 d.C.), e os ideais de moralidade e crítica à homossexualidade, passividade masculina e sexualidade feminina que estes abordaram em

seus escritos figuram como fatores decisivos para que Paulo condenasse, ou fosse interpretado como contrário à diversidade sexual entre os cristãos primitivos, principalmente dado o ímpeto cultural de controle sobre o corpo feminino já abordado anteriormente.

Em conclusão, sobre o único fragmento no qual se encontra, segundo Brooten, definitivamente uma menção à homossexualidade feminina nas epístolas — fontes primárias desta monografia —, a autora aprimora seu parecer a respeito da temática da seguinte forma:

Nesse contexto, ‘antinatural’ e ‘natural’, em Romanos 1:26s, significariam, respectivamente, contrário ou conforme à natureza feminina e masculina. O conteúdo dessas naturezas corresponde a normas e práticas culturais específicas. A submissão feminina a um homem constitui parte da natureza feminina [...] e, portanto, uma mulher que ama outra mulher não está vivendo de acordo com sua natureza, que, para Paulo, é dada por Deus. (BROOTEN, 1996, p. 280, tradução livre).

Dada a análise discorrida acima, o problema de traduzir *Malakoi*, *Arsenokoitai* ou *Arsenokoitēs* diretamente para o sentido de “homossexuais” torna-se evidente, à proporção que seria uma adaptação linguística de um conceito atual sobre um termo raro e de um recorte temporal muito distante. Segundo W. L. Petersen (1986), ao questionar, como aponta o título do artigo “*Can arsenokoitai be translated by 'homosexuals'?* (1 Cor. 6:9; 1 Tim. 1:10)” (PETERSEN 1986), esse traslado e seus usos posteriores, as imprecisões que surgem são notáveis. Por exemplo:

1. O fato de essa tradução ser usada para condenar a homossexualidade feminina, visto que o termo “ársên”, no grego, é exclusivo para machos.
2. O costume de incluir os homossexuais celibatários, visto que *koitê* refere-se diretamente ao coito.

Essas “imprecisões” estão, indubitavelmente, relacionadas à abordagem generalizadora que traduz diretamente o vocábulo como “homossexuais” (ou termos derivados — terminologia inexistente no contexto original em que Paulo escreveu suas cartas, sendo um neologismo que surge apenas no século XIX com Karl Kertbeny (LOURO, 1997, p. 44) —, tais traduções não são efetivas sequer para uma possível justificativa de seguir a uma tradição direta de equivalência textual, visto que, ao longo da história, diferentes versões e compilações dos textos bíblicos apresentaram significados distintos para a mesma palavra, como demonstra o quadro comparativo abaixo:

Figura 4 - Quadro comparativo contendo múltiplas traduções de “*Arsenokoitai*” em edições Bíblicas.

Versão	Termo usado para traduzir “ <i>Arsenokoitai</i> ”	Tradução livre para o Português
Vulgata Latina séc. IV – Jerônimo	masculorum concubitores	Concubinos masculinos
Bíblia de Lutero (alemão) 1534 – Martinho Lutero	Knabenschänder	“Abusadores de meninos”
New Revised Standard Version (NRSV) 1989	Sodomites	Sodomitas
Nova Versão Internacional (NVI) 2000	“Homossexuais passivos e ativos”	Homossexuais

Fonte: Elaborado pela autora com base em GREENBERG (1990), BOSWELL (1980), MARTIN (2006) e nas edições da Vulgata Latina, Bíblia de Lutero, New Revised Standard Version (1989) e Nova Versão Internacional (2000).

Para além desse comparativo que demonstra que as traduções inexatas, desde as primeiras versões conhecidas, pervertem o sentido do vocábulo original ao associar *arsenokoitai* ou *arsenokoitēs* diretamente à homossexualidade enquanto uma identidade, distanciando-se assim da filologia paulina, ainda é válido reforçar a imprecisão já apontada nos capítulos anteriores sobre os múltiplos sentidos de *malakoi*, que não necessariamente se relacionam ao conceito moderno que se tem de um homem afeminado ou feminino. Soma-se a isso a problemática latente de ignorar o contexto em que Paulo escreveu suas cartas como fonte de influências para suas opiniões e posicionamentos.

Assim, embora os aportes teóricos apresentados durante este primeiro tópico do terceiro capítulo, juntos, formem o precedente para interpretar os escritos paulinos como não sendo necessariamente uma condenação às práticas sexuais homoeróticas — o que figura, como anteriormente mencionado, como uma posição contrária às perspectivas tradicionais —, à vista de que um dos objetivos deste trabalho é enriquecer as discussões a respeito da homossexualidade em Paulo. Por isso, torna-se pertinente revisitar conceitos e adotar abordagens menos usuais.

Portanto, conclui-se que os escritos paulinos apresentam uma ambiguidade considerável sobre a diversidade sexual, permitindo, assim, as diversas interpretações apresentadas acima. Dessarte, rumando para o final do trabalho, ainda abordaremos como a ótica que tratamos aqui como “tradicional” moldou a identidade cristã.

4.2 Diversidade sexual e identidade religiosa cristã.

Deste modo, considerando os objetivos propostos na parte introdutória deste trabalho, podemos agora, por fim, relacionar nossa temática às categorias de memória que são principalmente propostas nas obras de Michael Pollak, essencialmente quando, em seu artigo “Memória, Esquecimento, Silêncio”, este aponta que "Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes." (POLLAK, 1989, p. 2), o que, de forma precisa, condensa algumas das motivações para a escolha da temática desta monografia, bem como uma das justificativas para sua existência: o fato inegável de que a questão da homossexualidade em Paulo e suas conseqüentes repercussões na formação da identidade cristã permanece sendo alvo de constante revisão e questionamento mesmo dois milênios depois — discussão essa à qual a História, como área acadêmica, não deve se eximir de participar, devido ao ofício do historiador em se aprofundar no interesse de compreender a construção de momentos históricos, principalmente tendo em vista sua relevância para a formação de uma sociedade.

Sendo assim, para tratar de uma temática a qual figura como uma memória constantemente em disputa, estruturaremos este último tópico em desfrutar das proposições de Michael Pollak e como estas se relacionam ao tema central supracitado dos impactos posteriores da interpretação acerca dos escritos paulinos para a hostilidade em relação à homossexualidade.

Adotando agora outra obra de Michael Pollak para usar como base, “Memória e Identidade Social” (1992), encontramos uma correlação que se liga diretamente a como os discursos de Paulo podem ter sido reinterpretados de acordo com as ligações entre as comunidades que eram originalmente seus públicos-alvo. Sobre a formação da identidade baseada na memória, Pollak diz:

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e

identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.
(POLLAK, 1992, p. 204)

Dessa forma, o autor aponta para como a negociação de acontecimentos está diretamente relacionada à criação e fortalecimento de um tipo de memória recortada, não necessariamente conservando seu sentido original ou levando em conta suas contradições e imprecisões primordiais. Este conceito pode ser diretamente associado ao posicionamento que cristãos primitivos adotaram acerca das recomendações doutrinárias paulinas, como exemplifica Greenberg novamente ao analisarmos “*The Construction of Homosexuality*”:

Quaisquer que fossem as visões precisas de Jesus e dos apóstolos, os primeiros escritos cristãos dos séculos I e II, como a Didaquê, a Epístola de Barnabé e a *Demonstratio Evangelii* de Justino Mártir, opunham-se inequivocamente à prostituição masculina e à pederastia, provavelmente as formas mais visíveis de homossexualidade em sua época. Clemente de Alexandria denunciou a homossexualidade como não procriativa e, portanto, antinatural. O Apocalipse de Pedro imaginou o terrível castigo no inferno para aqueles que se envolvessem em relações homossexuais. No início do século III, Tertuliano escreveu que aqueles que se entregassem a "todos os outros frenesim de paixões [além do adultério e da fornicção] além das leis da natureza" deveriam ser banidos "não apenas do limiar, mas de todo o abrigo da Igreja, porque não são pecados, mas monstruosidades" (GREENBERG, 1988, p. 218, tradução livre)

Trazendo à tona que a despeito de qualquer que fosse a opinião original dos apóstolos — dos quais precisamente tratamos de Paulo — em relação ao homoerotismo, autores posteriores que reivindicaram a posição de sucessores demonstram em suas proposições o que Pollak afirma ao dizer que a memória não é um simples reflexo do passado, mas resultado de construções coletivas que podem envolver escolhas de recorte e omissões propositais ou de má compreensão e disputas. Essa memória, segundo Pollak, é negociada a partir da relação com o outro e com os interesses sociais, políticos ou culturais da época.

De maneira tal, podemos entender que, quando Pollak aponta, por exemplo, para o fato de que o termo *arsenokoitai*, de significado ambíguo, entrou para o discurso universal cristão como uma condenação da atividade homossexual, apesar de sua tradição incerta e de ser alvo de múltiplas alterações de sentido (GREENBERG, 1990, p. 212), ou de que, no geral, escritores cristãos posteriores tomaram a liberdade de ampliar os ensinamentos de Paulo, condenando o prazer sexual de forma mais ampla e excluindo assim terminantemente as relações homossexuais do comportamento aceitável pelo cristianismo (GREENBERG, 1990, p. 220), é fácil relacionar com a proposta de Pollak ao dizer que: “Memória e identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que

opõem grupos políticos diversos.” (POLLAK, 1992, p. 205), culminando assim no processo em que certas versões do passado são elevadas à condição de “legítimas”, enquanto outras são silenciadas ou desvalorizadas, mecanismo comum em discursos de ódio ou sistematicamente excludentes.

Outras conclusões de autores sobre a homossexualidade nas cartas paulinas e sua interpretação adotada pelos cristãos primitivos e posteriores, como Dale B. Martin em “*Sex and the Single Savior: Gender and Sexuality in Biblical Interpretation*” (MARTIN, 2006), ainda podem ser utilizadas para respaldar tanto as proposições anteriormente apresentadas de outros autores sobre abordagens tendenciosas, imprecisas ou que negam a importância do questionamento, quanto para a proposta de uso dos conceitos de memória para compreender a formação da identidade cristã. Sobre isso, Martin constata, após discorrer no tópico “A Extirpação do Desejo nos escritos de Paulo” (p. 66), que o desprezo de Paulo às “paixões”, como referido ao correlacionarmos seus escritos ao estoicismo, seria, em suma, uma demonstração de que Paulo vê o desejo sexual em si como um sinal de fraqueza e queda. Seu ideal não é a heterossexualidade, mas sim o celibato (MARTIN, 2006, p.s 66-68), visto que o próprio apóstolo aponta para isso ao recomendar que “Acerca do que escrevestes, [é] bom para um homem não tocar numa mulher.” (Coríntios 7:1), denotando assim que a abstinência sexual para devoção à espiritualidade cristã por ele proposta seria o ideal.

Além desta, outra constatação de Martin a respeito do estudo dos versículos que versam sobre o homoerotismo é bastante enérgica ao inferir o seguinte:

De fato, as tentativas ingênuas de cristãos conservadores, por mais bem-intencionados que sejam, de derivar sua ética de uma leitura "simples" da Bíblia significaram apenas que eles atribuem à Bíblia suas próprias ideologias destrutivas. A destruição é hoje mais evidente nos maus-tratos da Igreja a cristãos lésbicas e gays. (MARTIN, 2006, p. 38, tradução livre).

O que reforça o entendimento de Pollak em estabelecer que o enquadramento da memória fabrica consensos e verdades parciais, reforçando valores que excluem certos sujeitos históricos ao bel prazer de grupos hegemônicos, usando-se da valorização de certos conceitos ou narrativas em detrimento de demais possibilidades (POLLAK, 1992, p. 206).

A adoção da interpretação de uma visão condenatória da homossexualidade baseando-se nos escritos de Paulo, bem como a formação de uma espécie de “memória oficial” a esse respeito no meio crítico, fica clara ao traçarmos paralelos dos fragmentos

Paulinos acima analisados com o que documentos oficiais da Igreja Católica, Instituição que reclama sua origem como sucessora direta das comunidades cristãs primitivas, tem a dizer sobre a sexualidade humana. De acordo com o texto “ Igreja Católica Romana e a Homossexualidade: Visão da Moral Sexual Católica a partir da análise de documentos Oficiais” (RODRIGUES, 2018), que se propõe a analisar posicionamentos da instituição católica romana a esse respeito, ao destacarem A Declaração “Persona Humana” da Congregação para Doutrina da Fé (doravante CDF) de 1975, chega-se ao seguinte resultado:

A declaração reafirma a homossexualidade como “um ato desordenado”, condena os atos sexuais praticados pelos homossexuais por não conduzirem à procriação e se constituírem “graves depravações” pela Bíblia. Consequentemente o homossexual é rejeitado por Deus (PERSONA HUMANA, Ponto 8) (RODRIGUES, 2018, p.128)

Avançando em análise a outros pronunciamentos da Igreja sobre a homossexualidade, Rodrigues salienta, desta vez, o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), que possuía por objetivo aproximar a Igreja dos fiéis, através da busca por um diálogo com o mundo contemporâneo, onde, segundo a autora, “reforça-se a necessidade de manter a interpretação das Escrituras de acordo com a Tradição da Igreja, validando a coerência entre os versos utilizados para a condenação da homossexualidade.” (RODRIGUES, 2018, p. 129). Para alicerçar sua perspectiva, Rodrigues cita Joseph Ratzinger, que, posteriormente, ao assumir o pontificado, seria conhecido como Papa Bento XVI:

Segundo Ratzinger: A atividade homossexual não exprime uma união complementar, capaz de transmitir a vida e, portanto, contradiz a vocação a uma existência vivida naquela forma de auto-doação que, segundo o Evangelho, é a essência mesma da vida cristã. Não quer dizer que as pessoas homossexuais não sejam frequentemente generosas e não se doem, mas quando se entregam a uma atividade homossexual, elas reforçam dentro delas mesmas uma inclinação sexual desordenada, caracterizada em si mesma pelo auto complacência (Parágrafo 7). (RODRIGUES, 2018, p.129)

Segundo a análise da autora, referindo-se novamente a carta “*Persona Humana*”, podemos encontrar pontos de contato entre sua interpretação do posicionamento cristão católico e a presente pesquisa que desenvolvemos ao apontar que:

Quando a Carta se refere ao amor conjugal, à castidade, virgindade, matrimônio e procriação, ela ressalta e reafirma a relação monogâmica e heterossexual. Ao se referir ao ato conjugal com o objetivo da reprodução, a Igreja se sustenta em raízes estoicista e maniqueísta [...] (RODRIGUES, 2018, p.131)

Demonstrando, assim, corroborar com a tese que propõe a clara presença de influências estoicistas a respeito do sexo dentro do pensamento cristão preconizado por Paulo, porém levando sua análise adiante ao identificar essas ingerências em discursos contemporâneos.

Por fim, a esse respeito, Rodrigues arremata a discussão proposta da seguinte forma:

Os documentos estudados mostram uma lenta mudança na cosmovisão da Igreja Católica sobre a homossexualidade. Apesar de recomendar acolhimento, respeito e um julgamento parcimonioso ao homossexual, a Igreja Católica considera a homossexualidade perversão, patologia, passível de cura e o ato homossexual um grave crime contra a castidade, portanto ordena a castidade à pessoa homossexual. (RODRIGUES, 2018, p.138)

Dessa forma, é perceptível que, dada a análise da autora, bem como graças à percepção social a respeito da homossexualidade, atesta-se que, parafraseando de forma a condensar as proposições de Pollak a respeito de memória e identidade, pode-se dizer que a memória, enquanto elemento histórico fluido, está em constante construção e sujeita a novos recortes e enquadramentos. Isso se evidencia na evolução do olhar social e religioso: como vimos acima na evolução entre o desprezo de pessoas homossexuais enquanto vis e não merecedoras do paraíso, até uma visão mais branda que, embora legitime pontos de vista discriminatórios, se distancia lentamente da visão “original”.

Em suma, ao percebermos a formação da identidade cristã como um todo, amplamente pautada, entre outras produções bíblicas e patrísticas, nas epístolas paulinas — visto que figuram como grande fonte de doutrina, máximas de fé e testemunho apostólico, sob autoria de um dos maiores, se não o maior, responsável pela difusão do cristianismo — torna-se claro que o posicionamento do cristianismo ao longo dos séculos a respeito tanto das práticas quanto das pessoas que se identificam como “homossexuais” também bebe sobremaneira desta mesma fonte, baseando-se forma quase completa na interpretação do posicionamento de Paulo sobre o tema. Assim, é impossível dissociar o entendimento do cristianismo sobre a diversidade sexual dos discursos atribuídos a Paulo, o que salienta a necessidade de procurar questionar, para além da perspectiva de condenação ou não, que fatores foram atuantes na formação da identidade do cristianismo primitivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Esta monografia, escrita a fim de construir um trabalho de conclusão de curso, concentrada no estudo aprofundado da temática da homossexualidade no interior das cartas paulinas, dentro do contexto do Império Romano do século I d.C., utilizou-se de três pilares centrais para sua estruturação: 1. Pesquisa bibliográfica, 2. Análise crítica, 3. Orientação acadêmica; com objetivo principal de enriquecer a discussão e propiciar uma compreensão acadêmica de como as epístolas paulinas — em específico Timóteo, Romanos e Coríntios —, tratadas como discursos passíveis de influência de seu meio de produção, também influenciaram a construção e perpetuação do pensamento a respeito das relações homossexuais entre as comunidades cristãs primitivas, bem como da difusão desse posicionamento durante os séculos seguintes até a atualidade.

A temática, tratada desde sua escolha como “polêmica” e espinhosa, resultou em discussões múltiplas a respeito, respectivamente, do que representavam as práticas sexuais homoeróticas e afetivas no recorte em que Paulo viveu e escreveu, o que nos levou a investigar as funcionalidades dessas relações dentro da sociedade do Império Romano, bem como o reconhecimento de estruturas definidas sob as quais o sexo entre indivíduos do mesmo gênero estava idealmente refém, e a percepção resultante de que nem sempre essas prerrogativas representavam a realidade dessas relações, bem como sua relação com uma espécie de conceito “primitivo” de normativas de gênero, visto na reação entre feminilidade e fragilidade, e de modo semelhante ao analisarmos a atitude discriminatória nos equivalentes femininos no âmbito da diversidade sexual.

Para mais, ao ousarmos adentrar ainda mais dentro de proposições normalmente controversas, como é a iniciativa de tratar personalidades religiosas como sujeitos históricos, pudemos desenvolver discussões que abordaram as “contradições” comuns a quaisquer figuras de produção discursiva tão ricas e impactantes, e, de forma similar, ao submetermos os escritos paulinos a uma análise comparativa com correntes de pensamentos que foram suas contemporâneas, foi possível trazer à tona a multiplicidade de pontos de contato que possibilitam uma maior compreensão da natureza das proposições de Paulo sobre diversos assuntos da fé cristã, e, objetivamente, sobre a homossexualidade e seus impactos ao serem endereçadas às comunidades cristãs primitivas, estruturando discursos que se perpetuaram,

gerando narrativas que afetaram toda a construção da sociedade ocidental que, de forma praticamente total, desenvolveu-se lado a lado com o cristianismo e, de muitas formas, com a imposição de seus ideais.

Como arremate à proposta inicial de enriquecimento da discussão, fazendo uso de análises contrárias aos consensos arbitrários preestabelecidos e apresentando uma perspectiva que, dada a limitação — ou abertura para novos paradigmas — de toda análise histórica em contar, em muitas oportunidades, com uma diversidade de versões e possibilidades interpretativas, nesta parte final, com base principalmente na análise de autores como Dale B. Martin, David F. Greenberg e Bernadette Brooten, esta pesquisa conclui que Paulo, além de não conhecer ou utilizar o conceito de orientação sexual que temos hoje, via os impulsos causados pelo desejo sexual como um problema de desordem, idolatria ou impulsividade em uma perspectiva geral e não voltada para com quais gêneros estavam sendo realizadas as atividades sexuais (Martin, 2006); que, para mais, termos como *arsenokoitai* ou *arsenokoitēs* só foram associados à homossexualidade séculos depois (Greenberg, 1988), resultando dessa forma no caráter de que essa pesquisa tornou-se partidária tanto da concepção que trata a condenação de Paulo à homossexualidade como ambígua quanto do reforço à necessidade de questionar intencionalidades, significados e influências sofridas.

Com base nos desdobramentos desta pesquisa, torna-se necessário elencar temáticas correlatas que são imprescindíveis para a continuidade do desenvolvimento da discussão sobre a sexualidade na Antiguidade, especialmente sob a ótica bíblica. Propõe-se, assim, que futuras investigações que abordem perspectivas como: análises comparativas entre as visões sobre a diversidade sexual no Antigo e no Novo Testamento, bem como em livros considerados apócrifos; o aprofundamento da análise da recepção dos escritos paulinos na Idade Média e da Idade Moderna; além da exploração de fontes pouco utilizadas ou de difícil acesso, como textos patrísticos que tratem das relações homoeróticas e de Paulo, bem como registros materiais, como epígrafes ou manifestações da arte cristã primitiva.

Ademais, é igualmente pertinente considerar abordagens interdisciplinares que estabeleçam diálogos com áreas afins, ampliando a repercussão dessa análise para campos como a filosofia contemporânea ou outras correntes de pensamento do contexto greco-romano-judaico do século I d.C. Além de abordagens antropológicas voltadas às questões de gênero, sexualidade e sua relação com a formação do caráter e das dinâmicas sociais também se mostrariam excepcionais, uma vez que podem aprofundar os debates já

apresentados, contribuindo significativamente para a compreensão da constituição do ser humano.

Por fim, superando o que podem ser considerados os limites — ou mesmo as limitações — desta pesquisa, a adoção de metodologias que se utilizem outros tipos de fontes, como as arqueológicas, orais ou provenientes de tradições sociais, seriam indubitavelmente como um caminho promissor para o avanço da discussão proposta, possibilitando uma análise mais abrangente e multifacetada da temática.

Partindo para reflexões de autoria, visando entender como esta pesquisa, que essencialmente analisa influências, também pode influenciar, é palpável que o processo de investigação acerca de uma temática, como mencionado, “polêmica”, é essencial para o crescimento do historiador enquanto sujeito político, bem como um desafio às suas compreensões acadêmicas e pessoais. Sobretudo, a tarefa de estabelecer um posicionamento teórico e metodologicamente fundamentado, que possibilite não só uma produção discursivo-analítica estruturada, mas que ajude a construir, para além das novas possibilidades de discussão abordadas, uma valorização de temas “marginalizados” ou preteridos, é medular para auxiliar em novas abordagens, bem como na possível continuidade do desenvolvimento desta pesquisa em programas de graduação, pós-graduação ou similares.

Dessa forma, ao refletirmos sobre o significado dos resultados derivados desta pesquisa analítica, podemos assentar como perspectiva resultante que a relevância deste trabalho para o campo que busca desconstruir narrativas cristalizadas acerca de gênero e sexualidade, desde a falácia da inexistência da diversidade sexual entre povos antigos, passando pela resistência em considerar pontos de vista contrários à “Memória Oficial” no âmbito religioso (POLLAK, 1992), até demonstrar como a religião pode ser usada historicamente como ferramenta de exclusão social, partindo do ponto da inquestionabilidade de seus dogmas, atua como um exemplar que almeja contribuir para uma revisão de óticas que objetivam a permanência de grupos marginalizados em posição desfavorecida, assim como procura romper com o status de intocabilidade que personalidades religiosas e interpretações doutrinárias adquiriram no senso comum.

Ao fim, concluímos que a tomada de consciência relacionada a como o contexto de produção, influências contemporâneas à escrita, a impossibilidade de uma tradução precisa de termos-chave são mecanismos importantes para o entendimento do que significam os escritos

Paulinos acerca da diversidade sexual, é passo essencial para desconstruir narrativas hegemônicas, assim como entender a pluralidade de sentidos que um momento, ou discurso histórico, podem assumir, e propiciar uma leitura da Bíblia — um dos conjuntos de livros mais influentes da história da humanidade — de forma que seja possível utilizá-la como fonte histórica para compreender, além da complexidade da temática da diversidade sexual na antiguidade, o passado e presente das relações sociais geradas pelos escritos nela contidos no tocante à heterogeneidade da sexualidade humana.

REFERÊNCIAS:

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: Pinsky, Carla Bassanezi; BACELLAR, Carlos e outros (org.). **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 63.

BARCLAY, John M. G. **Pauline Churches and Diaspora Jews**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2016. Disponível em: <https://www.mohrsiebeck.com/en/book/pauline-churches-and-diaspora-jews-9783161517747/>. Acesso em: 24 maio 2025.

BÍBLIA. **Biblia Sacra Vulgata**. Trad. Jerônimo. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007. (*Versão latina da Vulgata, baseada no texto tradicional de Jerônimo, séc. IV*).

BÍBLIA. **Die Bibel: Übersetzung Martin Luthers**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2017. (Primeira edição em alemão por Martinho Lutero em 1534).

BÍBLIA. **The Holy Bible: New Revised Standard Version**. Nashville: Thomas Nelson, 1989.

BÍBLIA. **Nova Versão Internacional (NVI)**. São Paulo: Editora Vida, 2000.

BOEHRINGER, Sandra. **Homossexualidade Feminina na Antiguidade?** Clássica. Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, Belo Horizonte, Brasil, vol. 26, núm. 2, 2013, pp. 227-238.

BROOTEN, Bernadette J. **Love between women: early Christian responses to female homoeroticism**. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

BOSWELL, John. **Christianity, Social Tolerance, and Homosexuality: Gay People in Western Europe from the Beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

CAMPBELL, William S. **Romans: A Social Identity Commentary**. Londres: T&T Clark, 2023. Disponível em: <https://www.bloomsbury.com/us/romans-a-social-identity-commentary-9780567669421/>. Acesso em: 24 maio 2025.

CANTARELLA, Eva. **Bisexuality in the Ancient World**. Translated by Cormac Ó Cuilleain. New Haven; London: Yale University Press, 2002. (Yale Nota Bene Series).

CARDOSO, C.; VAINFAS, R. **História e análise de textos**. In: CARDOSO, C.; VAINFAS, R. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 375-400.

CAVICCHIOLI, M. R. **Fama e infâmia na sexualidade romana**. Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos, [S. l.], n. 3, p. 153–169, 2014. DOI: 10.17648/rom.v0i3.8767. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/view/8767>. Acesso em: 2 abr. 2023.

CAVALCANTI, J.B. **Mulheres em Paulo. Observações metodológicas e um breve balanço historiográfico**. Fato & Versões, v. 6, p. 1-15, 2014.

CERQUEIRA, F. V.; PINTO, Renato. **Introdução: uma breve reflexão a respeito dos estudos sobre o homoerotismo**. Métis (UCS), v. 20, p. 7-14, 2012.

CHEVITARESE, A. L. **Paulo. O que a História tem a dizer sobre Ele**. 1. ed. Rio de Janeiro: Menocchio, 2024. v. 1. 211p.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. **O Pedagogo**. Tradução de Iara Faria e José Eduardo C. de Barros Carneiro. São Paulo: Ecclesiae, 2014. (Coleção Patrística; v. 8)

CORASSIN, M. L. Bacchanalia na República Romana. **Letras Clássicas**, 2002, 145-159.

ELIOTT, Neil. **The Arrogance of Nations: Reading Romans in the Shadow of Empire**. Minneapolis: Fortress Press, 2008.

ELIOTT, N. **Libertando Paulo. A justiça de Deus e a política do apóstolo**. São Paulo: Paulus, 1998.

FERNANDES, Thiago. **Desvendando a Homossexualidade na Grécia e Roma Antiga Através da Pintura e Literatura**. UFRJ. Escola de Belas Artes. Centro de Letras e Artes. Departamento de História e Teoria da Arte. Rio de Janeiro, 2014.

FRAZEN ROCIO, Mateus. **Os Deuses e o Sexo: A influencia da fé romana entre quatro paredes**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – IFCH – Departamento de História História Antiga II – HUM03035 – Docente: Francisco Marshall.

FUNARI, P. P. A.; GARRAFFONI, R.; SENNA, ; PINTO, R. **Considerações sobre o estudo do mundo romano: a escola de Altos Estudos da Capes e a vinda do Prof. Hingley** 10/03/2009. e-História, v. 2009, p. 1-10, 2009.

GREENBERG, David F. **The Construction of Homosexuality**. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

GOMES, Silvio. **O que Paulo diz sobre as relações homoeróticas**. [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível HALPERIN, David M. **One hundred years of homosexuality**. *Diacritics*, Baltimore, v. 16, n. 2, p. 34–45, Summer 1986.

HORN, Cynthia. **A Construção Das Missivas Paulinas e uma Análise Retórica e Pragmática da Carta aos Filipenses**. Dissertação (Mestrado em Letras (Letras Clássicas)) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020 em: https://www.academia.edu/41514671/O_QUE_PAULO_DIZ_SOBRE_AS_RELA%C3%87%C3%95ES_HOMOER%C3%93TICAS. Acesso em: 04/06/2025.

JOÃO CRISÓSTOMO. **Homilia IV sobre a Epístola aos Romanos**. In: Migne, JP (Ed.). *Patrologia Graeca*, v. 60. Paris: Imprimerie Catholique, 1857, p. 417.

JUSTI, Daniel Brasil. **A construção de Paulo de Tarso como homem divino (thēiōs anēr) em Atos dos Apóstolos: as culturas mediterrânicas e paleocristãs em perspectiva**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2015. 259 f. Tese (Doutorado em História Comparada)–Programa de Pós-Graduação em História Comparada.

JUSTINO DE ROMA. **I Apologia**. Tradução de José Francisco dos Santos. In: JUSTINO DE ROMA. **Apologias de São Justino Mártir**. São Paulo: Centro de Estudos de Patrística, 2021. p. 41. (Coleção Patrística; v. 10).

JUVENAL. **Sátiras**. Tradução e notas de Manuel Balasch. Madrid: Gredos, 1991.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 363-394.

LACERDA, Victoria. **Homossexualidade feminina na Roma antiga (I dC): o conto de Ífis e Iante na Metamorfoses IX, de Ovídio e sua relação com cultura material de Pompéia**. Revista Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP 6 (11), 177-196, 2022.

LAST, Richard. **The Pauline Church and the Corinthian Ekklesia: Greco-Roman Associations in Comparative Context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/pauline-church-and-the-corinthian-ekklesia/BB4914FE09E105C0E5C679800C93FDCCD>. Acesso em: 24 maio 2025.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Roberto. **Um Léxico Grego-Inglês**. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu> Acesso em: 19/03/2025.

LOPES, Edson Pereira. **Filosofia da religião: estoicismo romano e o pensamento cristão dos primeiros séculos**. Ciências da Religião – História e Sociedade, v. 8, n. 1, p. 20-33, 2010.

LOPES, Pedro. **A institucionalização eclesiológica das comunidades paulinas**. Revista Eclesiástica da Faculdade de Teologia, vol. 1, n. 2, 2021. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/download/1764/1441/4654>. Acesso em: 24 maio 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

LOURENÇO, Frederico. **Bíblia Novo Testamento. Apóstolos, Epístolas, Apocalipse. Coríntios**. In BÍBLIA. Português. Tradução do grego, apresentação e notas. Contendo: Atos dos Apóstolos, Cartas de Paulo, Carta aos Hebreus, Carta de Tiago, Cartas de Pedro, Cartas de João, Cartas de Judas e Nota introdutória ao Apocalipse. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. v2.

LOURENÇO, Frederico. **Bíblia Novo Testamento. Apóstolos, Epístolas, Apocalipse. Romanos**. In BÍBLIA. Português. Tradução do grego, apresentação e notas. Contendo: Atos dos Apóstolos, Cartas de Paulo, Carta aos Hebreus, Carta de Tiago, Cartas de Pedro, Cartas de

João, Cartas de Judas e Nota introdutória ao Apocalipse. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. v2.

LOURENÇO, Frederico. **Bíblia Novo Testamento. Apóstolos, Epístolas, Apocalipse. Timóteo.** In BÍBLIA. Português. Tradução do grego, apresentação e notas. Contendo: Atos dos Apóstolos, Cartas de Paulo, Carta aos Hebreus, Carta de Tiago, Cartas de Pedro, Cartas de João, Cartas de Judas e Nota introdutória ao Apocalipse. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. v2.

MACDONALD, Margaret Y. **The Pauline Churches: A Socio-Historical Study of Institutionalization in the Pauline and Deutero-Pauline Writings.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004. Disponível em: https://books.google.com/books/about/The_Pauline_Churches.html?id=1I04xHK4gW0C. Acesso em: 24 maio 2025.

MARTINS, Vanessa Gandra Dutra. **Reflexão sobre a escrita epistolar como fonte histórica a partir da contribuição da teoria da literatura.** Revista Língua & Literatura, v. 13, n.20, 2011.

MARTIN, Dale B. **Sex and the Single Savior: Gender and Sexuality in Biblical Interpretation.** Louisville: Westminster John Knox Press, 2006.

MAZZAROLO, Isidoro. **A importância do helenismo no pensamento do Apóstolo Paulo.** Javeriana, 2019.

MONTAVÃO, Sérgio Aguiar. **A homossexualidade Na Bíblia Hebraica: Um Estudo Sobre a Prostituição Sagrada no Antigo Oriente médio.** São Paulo, SP: [S.N], 2009.

MUSEU BRITÂNICO. Relevo funerário augustano de duas mulheres de mãos dadas . 27 AC - 14 DC. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/image/1613747646>. Acesso em: 17/03/2025.

NEUENFELD, F. (2020). **Notas a Timóteo.** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Teologia, UFRJ.

ÓVIDIO. **Metamorphoses.** Trad. Arthur Golding. Londres: The University of Chicago Press, 2004.

PETERSEN, William L. **Can arsenokoitai be translated as “homosexuals”?** (I Cor. 6.9; I Tim. 1.10). *Vigiliae Christianae*, v. 40, n. 2, p. 187–191, June 1986. Published by: Brill.

PINSKY, Carla Bassanezi. O historiador e suas fontes. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 13-60.

PINSKY, Paulo. **Carta a Timóteo: traduções, releituras e contextos**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

PINSKY, Paulo. **Paulo, o apóstolo do cristianismo tardio**. São Paulo: Contexto, 2018.

PINTO, Renato. **Representações Homoeróticas Masculinas na Cultura Material Romana e as Exposições dos Museus: O caso da Warren Cup**. *Métis (UCS)*, v. 20, p. 111-132, 2012.

PINTO, Renato. **Queer fica, e pur se muove! Ainda sobre queer e cultura material do passado**. *Revista de Arqueologia Pública*, v. 13, p. 8-26, 2019.

PLATÃO. **As Leis**. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005. 2 v.

POLLAK, Daniel. **A homossexualidade na antiguidade clássica**. São Paulo: Ática, 1999.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Tradução e transcrição de Monique Augras; edição de Dora Rocha.

POSSAMAI, Paulo César. **Sexo e poder na Roma Antiga: o homoerotismo nas obras de Marcial e Juvenal**. Curitiba: Prismas, 2014.

REIS, João Luiz. **Historiografia e identidade: algumas reflexões**. *DoIn: História & Ensino*, v. 7, n. 16, 1999, p. 3-12.

RIBEIRO JR., Wilson A. **Clemente de Alexandria**. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. Disponível em: greeciantiga.org/arquivo.asp?num=0736. Acesso em: 24/05/2025.

RODRIGUES, Silvia Geruza Fernandes. **Igreja Católica Romana e a homossexualidade: visão da moral sexual católica a partir da análise de documentos oficiais.** *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 124–140, jan./jun. 2018.

ROMANOS, João. **Homilia IV.** In: Migne, J.P. (ed.). *Patrologia Graeca*, v. 60, 1857, p. 417.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Contrato Social: ou Princípios do Direito Político.** São Paulo: Martin Claret, 2005, 128.

SANTOS, Paulo Freire dos. **O mundo helenístico e sua influência no pensamento paulino.** *Revista de Teologia*, 2015.

SILVA, André Luiz Rodrigues da. "Jó nos primeiros anos do cristianismo: referências em Clemente de Roma e em Justino Mártir". *Atualidade Teológica*, PUC-Rio. Disponível em: <https://www.sumarios.org/artigo/j%C3%B3-nos-primeiros-anos-do-cristianismo-refer%C3%A2ncias-em-clemente-de-roma-e-em-justino-m%C3%A1rtir>. Acesso em: 24/05/2025

SOBEL, Benjamin. **Letters to Timothy: A Critical Commentary on the Greek Text.** Oxford: Oxford University Press, 2010.

SORANO DE ÉFESO. **Gynaikeia (Ginecologia).** Tradução para o inglês por Owsei Temkin (1956). Baltimore: Johns Hopkins University Press.

VAN SELOW, E. **A influência do estoicismo na formação do pensamento cristão.** *Revista de Filosofia*, 2017.

VEYNE, Paul. **A elegia erótica romana.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

VEYNE, Paul. **História da vida privada – Volume 1: Do Império Romano ao ano mil.** Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

VEYNE, Paul. **Sexo e poder em Roma.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

TORRES, Marco Antônio. **Os significados da homossexualidade no discurso moral-religioso da Igreja Católica em condições históricas e contextuais específicas.** *Rever – Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 142–152, 2006.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL - RI/UFPI

1. Identificação do material bibliográfico:

- Tese Dissertação Monografia TCC Artigo Livro
- Capítulo de Livro Material Cartográfico ou Visual Música
- Obra de Arte Partitura Peça de Teatro Relatório de pesquisa
- Comunicação e Conferência Artigo de periódico Publicação seriada
- Publicação de Anais de Evento

2. Identificação do Trabalho Científico:

Curso de Graduação: Licenciatura em História

Programa de pós-graduação: _____

Outro: _____

Autor(a): Jana Paloma dos Santos Lima

E-mail: Jana.paloma.06@gmail.com

Orientador (a) Me. Júlio Eduardo S. de S. Albuquerque

Instituição: UFPI

Membro da banca: Dr. Oliveira Comdeira Lima Rocha

Instituição: UFPI

Membro da banca: Me. Nadia Noronha de B. Santos

Instituição: UFCE

Membro da banca: _____

Instituição: _____

Membro da banca: _____

Instituição: _____

Titulação obtida: Licenciada em História

Data da defesa: 24 / 06 / 2025

Título do trabalho: As Cortes Paulinas e a Homossexualidade no Império Romano do século I

Agência de fomento (em caso de aluno bolsista): _____

3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total: []

Parcial: []. Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: _____

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Em atendimento ao Artigo 6º da Resolução CEPEX nº 264/2016 de 05 de dezembro de 2016, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, no Repositório Institucional (RI/UFPI), no formato especificado* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: PSICOP - PE Data: 24 / 08 / 2025

Assinatura do(a) autor(a): Jana Palome dos Santos Lima

* **Texto** (PDF); **imagem** (JPG ou GIF); **som** (WAV, MPEG, MP3); **Vídeo** (AVI, QT).